

CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO
PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO
DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA
DO MARTIM MONIZ



Termos de Referência

Anexo I.II – Caracterização

julho
2022



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DIREÇÃO MUNICIPAL DE URBANISMO
DEPARTAMENTO DE ESPAÇO PÚBLICO



1. Antecedentes	3
2. Caracterização e diagnóstico.....	4
2.1. Localização e limites	4
2.1.1. LOCALIZAÇÃO E RELAÇÃO DA PRAÇA COM A CIDADE	4
2.1.2. LIMITES DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	6
2.2. Caracterização biofísica	7
2.2.1. HIDROGRAFIA.....	7
2.2.2. DECLIVES E SISTEMAS DE VISTAS.....	8
2.2.3. EXPOSIÇÃO SOLAR E VENTO	9
2.2.4. GEOLOGIA E PERMEABILIDADE DO SOLO E TIPO DE SOLOS	9
2.3. Evolução urbana	9
2.3.1. PROJETO DA PRAÇA EM 1997	18
2.4. Conjunto Edificado e usos.....	21
2.5. A praça em 2022	24
2.6. Caracterização Sociológica e usos.....	29
2.6.1. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA.....	29
2.6.1.1. Habitação	29
2.6.1.2. População	29
2.6.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA.....	30
2.7. Ruído.....	32
2.8. Sistema de Vistas	32
2.9. Património Edificado.....	33
2.10. Rede pedonal	35
2.11. Estrutura Verde.....	38
2.12. Mobilidade e transportes.....	39
2.12.1. MOBILIDADE	39
2.12.2. TRANSPORTES PÚBLICOS E TURÍSTICOS.....	40
2.13. Servidões e Condicionantes urbanísticas	42
2.13.1. PLANO DIRETOR MUNICIPAL.....	42
2.13.1.1. Servidões administrativas e restrições de utilidade pública	43
2.13.2. CONDICIONANTES URBANÍSTICAS DO SUBSOLO	44
2.14. Pontos fortes e fracos	45



3. ANEXOS	46
ANEXO I.II. I . Planta de localização.....	46
ANEXO I.II. II . Planta de Situação Existente	46
ANEXO I.II. III . Situação existente viária	46
ANEXO I.II. IV . Dados de apoio a decisão	46
ANEXO I.II. V . Caracterização sócio-demográfica	46
ANEXO I.II. VI . Ambiente e energia	46
ANEXO I.II. VII . Nota Técnica de Geologia	47
ANEXO I.II. VIII . Extratos do PDM	47
ANEXO I.II. IX . Projetos com impacto	47
ANEXO I.II. X . Projeção da evolução das ondas de calor e o Impacto na Cidade de Lisboa	47



1. Antecedentes

Em 2018, na Praça do Martim Moniz, no âmbito da renovação do contrato de concessão da utilização do espaço da praça, estaria prevista a colocação de contentores para restauração com acesso condicionado, ao espaço, durante a noite. Estas alterações deram origem a uma reação expressiva dos cidadãos e, consequentemente, a uma abertura à alteração do programa previsto para o Martim Moniz.

Em 2019, na sequência da Petição ¹ apresentada pelo movimento de cidadãos “Por um Jardim no Martim Moniz”, a Assembleia Municipal fez uma recomendação no sentido de serem desenvolvidos mecanismos de divulgação e participação, junto da população, direta e indiretamente afetadas, para avaliar a possibilidade de realização de sessões públicas e promover um concurso de ideias para a requalificação da Praça Martim Moniz.

No dia 28 de novembro de 2019 a CML aprovou por unanimidade a proposta de iniciar um processo de participação pública, que visasse a definição de um programa preliminar para o futuro do Martim Moniz.

O processo participativo do Martim Moniz consistiu numa audição pública, realizada online e presencialmente, com recurso ao preenchimento de um inquérito e à realização de focus group.

Em reunião de Câmara do dia 13 de maio de 2021 foi aprovado o relatório final da participação pública que continha a proposta de objetivos e as orientações para o Programa Preliminar do Projeto de Requalificação da Praça do Martim Moniz.

Os resultados deste processo de participação constituem as bases para a definição do conteúdo programática do programa de intervenção para a requalificação do Martim Moniz.

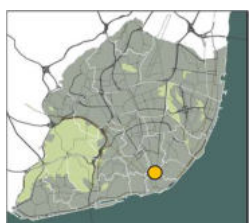
¹ nº 07/2019 ent. 30/07/2019,



2. Caracterização e diagnóstico

2.1. Localização e limites

2.1.1. Localização e Relação da Praça com a Cidade



A Praça do Martim Moniz pertence à Freguesia de Santa Maria Maior e faz fronteira com a Freguesia de Arroios. Localiza-se no troço jusante do Vale de Arroios e é limitada a nascente pela encosta do Castelo a e poente pela encosta de Santana.

Praça do Martim é a segunda maior praça do núcleo histórico da Cidade de Lisboa. Esta praça remata, a sul, o mais extenso eixo retilíneo da cidade de Lisboa: Rua da Palma/Av. Almirante Reis; e encontra-se bastante próxima de duas praças centrais e emblemáticas da Cidade de Lisboa: o Rossio (Praça D. Pedro IV) e a Praça da Figueira.



figura 1

Relação da Praça com as colinas e a sua inserção na rede urbana. Integração da Praça na malha urbana da Cidade, conectividade com a rede de praças e jardins que se consideram estruturantes.



O Martim Moniz constitui um espaço de transição entre uma zona urbana bastante homogénea – a Baixa Pombalina – e um eixo que testemunha várias épocas de crescimento urbano da capital ao longo do séc. XX Rua da Palma e Avenida Almirante Reis.

A Praça faz limite com 5 Bairros da Cidade: Mouraria, Baixa Pombalina, Pena ou Santana, São Lázaro, Bairro da Rua da Palma.

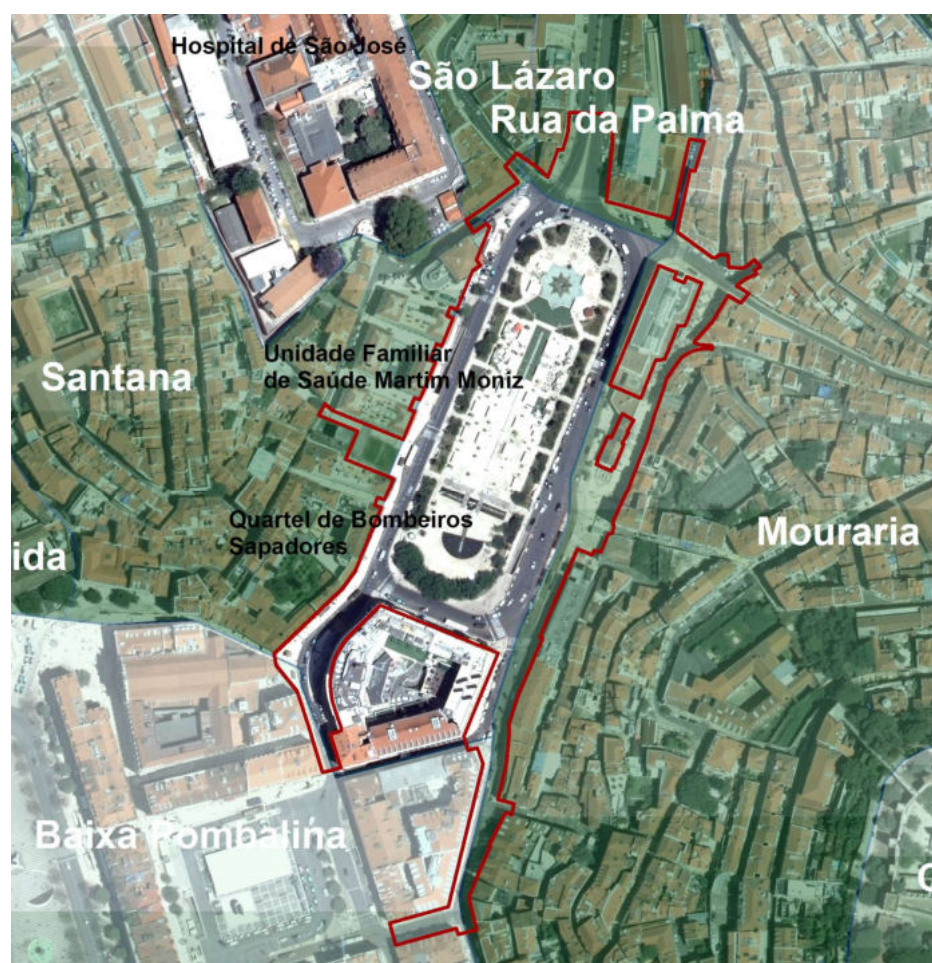


figura 2
Identificação dos Bairros que limitam a Praça do Martim Moniz

A Praça representa um forte centro de comércio de revenda, com estabelecimentos comerciais de diversas etnias que testemunham a grande diversidade social e cultural da zona. A nascente e poente da Praça os centros comerciais da Mouraria e do Martim Moniz, respetivamente, concentram uma grande atividade comercial, com ofertas únicas ao nível da cidade e, a sul da Praça, o Hotel Mundial constitui um importante polo de atração turística tal como a paragem do elétrico, a poente, que liga as diversas colinas da cidade.

A praça oferece um dos principais acessos ao Hospital de São José, que se localiza, a noroeste, na encosta de Santana.



Por ultimo, e não menos importantes, as igrejas da Nossa Senhora da Saude, a nascente, e de São Domingos, a sudoeste, definem duas microcentralidades relevantes ao nível do património arquitetónico e do espaço público.

2.1.2. Limites da área de intervenção

A área de intervenção tem cerca de **35 500 m²** e integra as seguintes ruas: Rua Condes de Monsanto, Rua Poço do Borratém, Beco dos Surradores, Rua do Arco do Marquês de Alegrete; Rua D. Duarte, Travessa Nova de São Domingos; Troço da Rua da Palma confinante com a Praça Martim Moniz; troço sul da Rua da Palma que liga à Avenida Almirante Reis, Rua António Serrano; troço sul da Rua de São Lázaro, confinante com a Praça Martim Moniz; Beco da Barbadela, Rua Fernandes da Fonseca, Rua da Mouraria, troço nascente da Calçada da Mouraria e Beco Oliveira, confinantes com a Praça Martim Moniz.

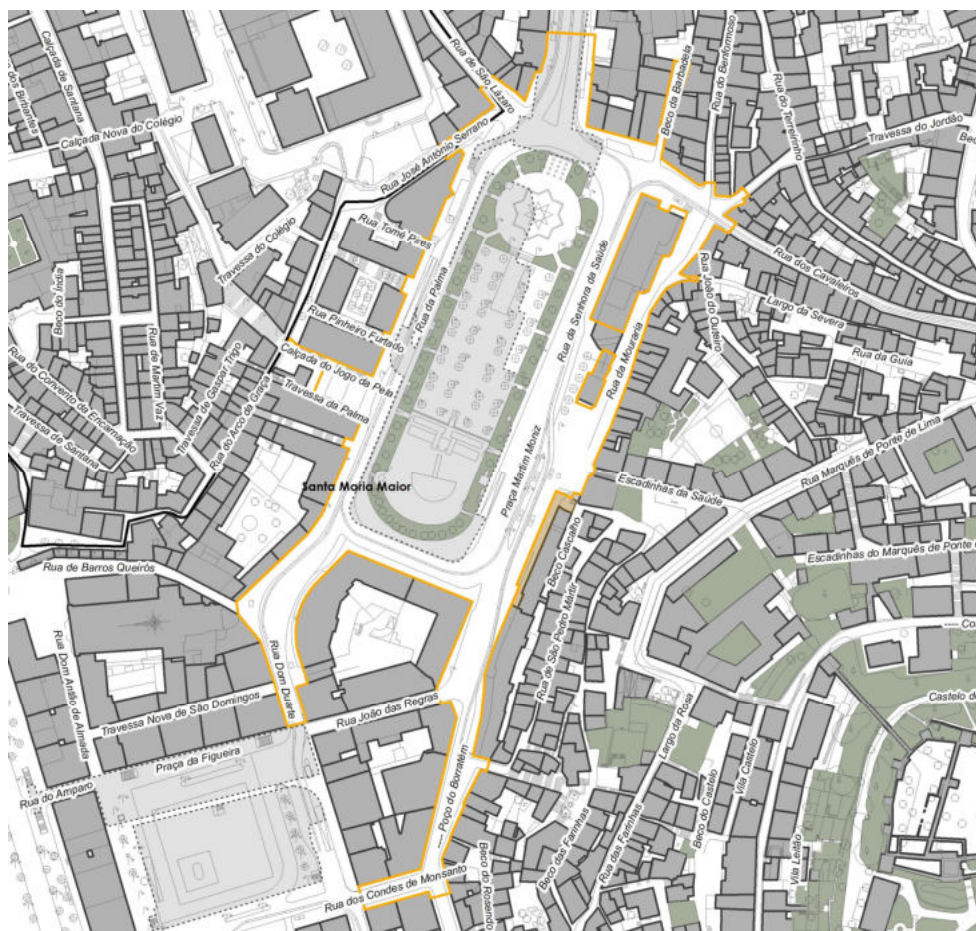


figura 3
Limites da área de intervenção (Fonte Lxi).



2.2. Caracterização biofísica

2.2.1. Hidrografia

A Praça do Martim Moniz está implantada na zona jusante de um dos principais vales de Lisboa - o Vale de Arroios - que desce do Areeiro à Avenida Almirante Reis / Rua da Palma para aceder ao estuário do Tejo, pela Baixa, após se juntar com o Valverde (Avenida da Liberdade). A área de intervenção representa uma zona de receção das águas pluviais de toda a área de vale ao longo da Rua da Palma e Av. Almirante Reis e das colinas da Graça, Castelo e Sant'Ana.

A existência do parque de estacionamento subterrâneo e do Metropolitano com a respetiva estação modificaram, há muito, a capacidade de infiltração da praça que é hoje, na sua quase totalidade, impermeável. Esta circunstância aliada à extensa impermeabilização da rua da Palma e da Avenida Almirante Reis reduziram consideravelmente a capacidade de retenção das águas pluviais dando origem, por vezes, a situações de cheias na zona da Praça, em particular na zona sul. A implementação do Plano Geral de Drenagem, através da construção de um túnel entre a Av. Almirante Reis e Santa Apolónia e diversos reservatórios, irá promover a atenuação dos caudais máximos e uma redução considerável do fenómeno de cheias na Praça.

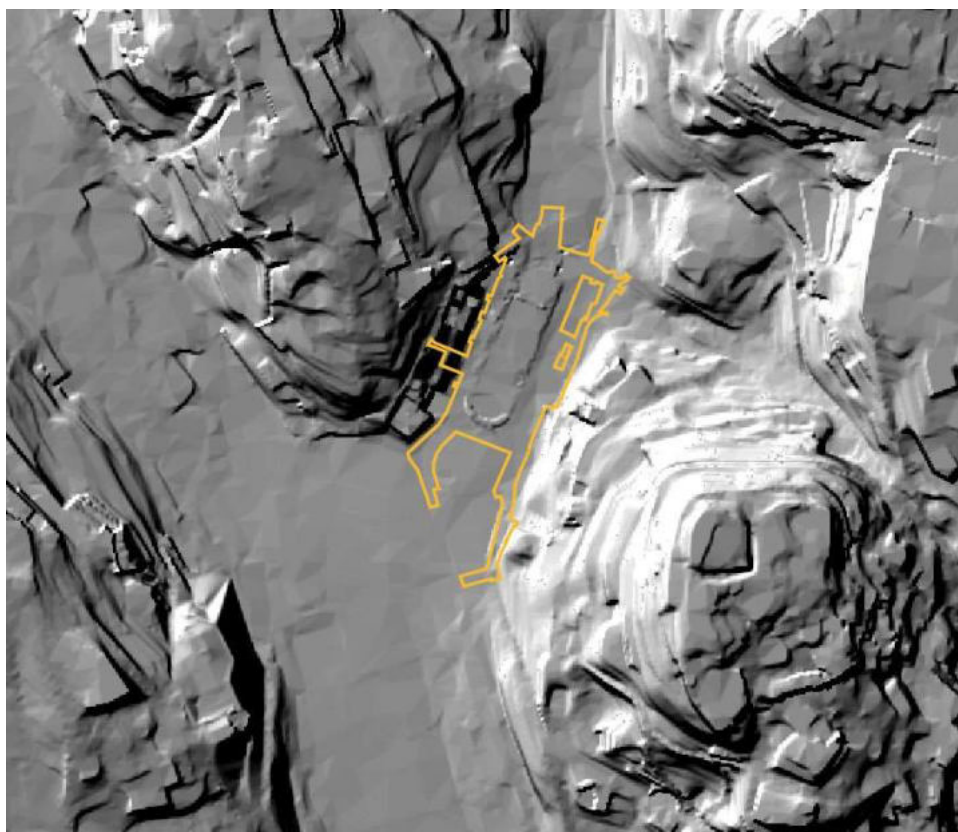


figura 4
Relevo sombreado do Vale de Arroios/Praça Martim



2.2.2. Declives e sistemas de vistas

O interior da Praça apresenta uma pendente muito suave, de cerca 2% no sentido norte-sul e nascente-poente. A Praça é ladeada, a nascente e poente, por colinas com declives acentuados, da ordem dos 35%. A nascente as colinas do Castelo, da Graça e de S. Gens e a poente a colina de Sant'Ana. A orografia em redor da Praça configura um anfiteatro cujo Sistema de Vistas constitui um valor patrimonial relevante: para nascente Monte de S. Gens, Convento da Graça e Castelo; para norte todo o eixo da Rua da Palma e Av. Almirante Reis e para Poente a colina de Santana.

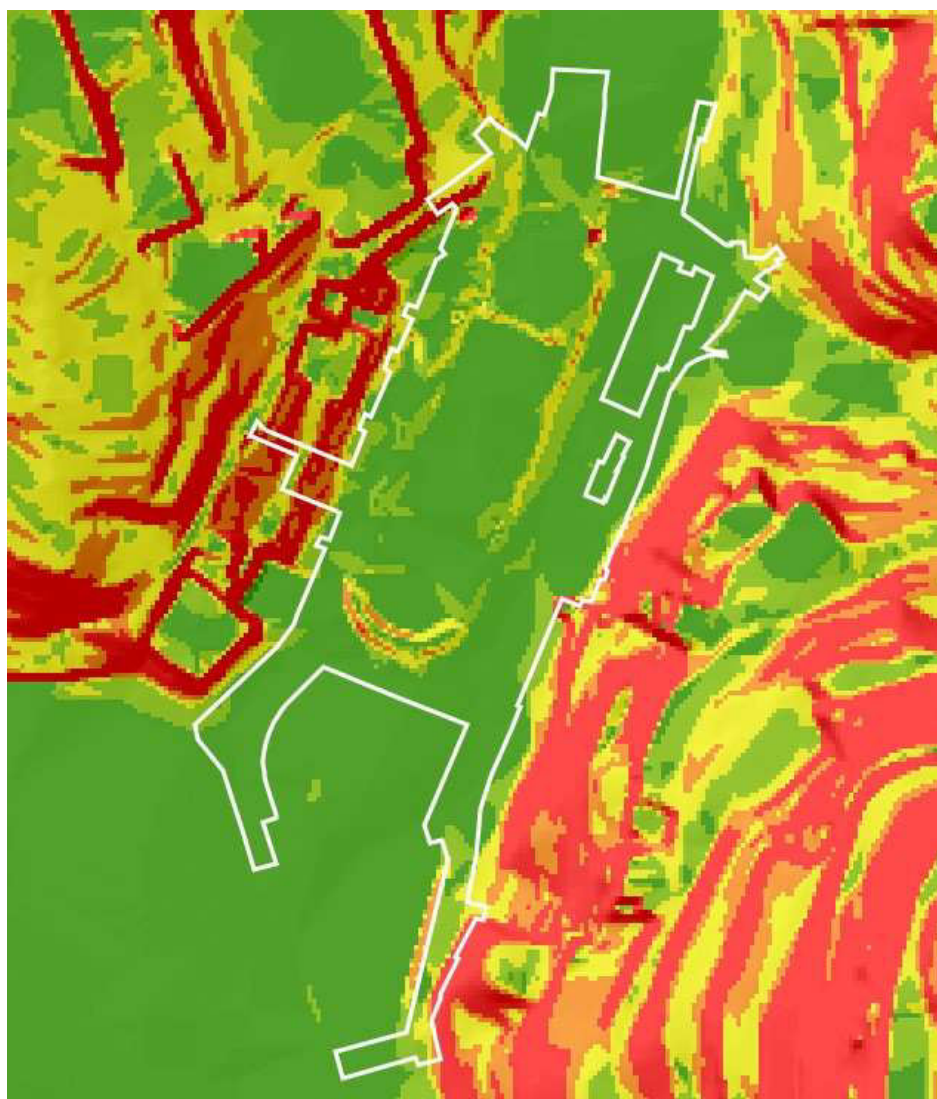
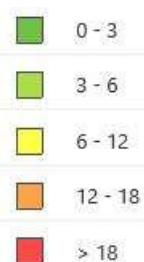


figura 5
Carta de declives / Praça
Martim Moniz (Fonte Lxi)



2.2.3. Exposição solar e vento

A exposição solar das encostas da área do Martim Moniz tem o seu quadrante Nascente com dominância de exposição a Noroeste e o seu quadrante Poente com dominância a Sudeste. Verifica-se uma grande incidência solar durante o período da Primavera e Verão, em particular na área central e zona nascente da Praça, com situações climáticas de calor extremo.

No vale da Avenida Almirante Reis a drenagem de ar frio é pouco intensa, devido à escassez de áreas a montante onde o ar frio seja produzido e aos obstáculos à sua progressão para jusante, constituídos pelos blocos de edifícios (Andrade, 2003)².

2.2.4. Geologia e Permeabilidade do solo e tipo de Solos

A área de intervenção encontra-se maioritariamente abrangida pela unidade geológica dos Aluviões e Aterros, na zona plana da praça; Areolas de Estefânia, na colina de Sant'Ana e Calcários de Entrecampos na colina da Mouraria. A área de intervenção possui assim, na sua origem geológica, um índice de permeabilidade alta devido aos de aluviões e aterros, e ao tipo de solos Aluvionares. Contudo, tal como já referido, a existência do parque de estacionamento subterrâneo e do Metropolitano com a respetiva estação tornam a praça, atualmente, impermeável na sua quase totalidade.

2.3. Evolução urbana

A ocupação humana do povoado neolítico da encosta de Sant'Ana, na margem do Regueirão dos Anjos (ao vale da Mouraria), data de há 8000 mil anos, mas somente a partir da Idade Média é que a fixação humana, neste local, se tornou mais significativa.

No início da segunda metade do século XVI foi aberta a Rua Nova de Palma rasgada sobre parte das hortas existentes na zona de aluvião fértil do vale de Arroios. A abertura deste eixo irá proporcionar uma nova zona urbanizada. Um século mais tarde (XVII) esta rua estendia-se mais para norte e as edificações crescem em seu redor.

² Andrade, Henrique José Nunes; Tese de Doutoramento em Geografia Física " "Bioclima Humano e Temperatura do ar em Lisboa"; 2003.

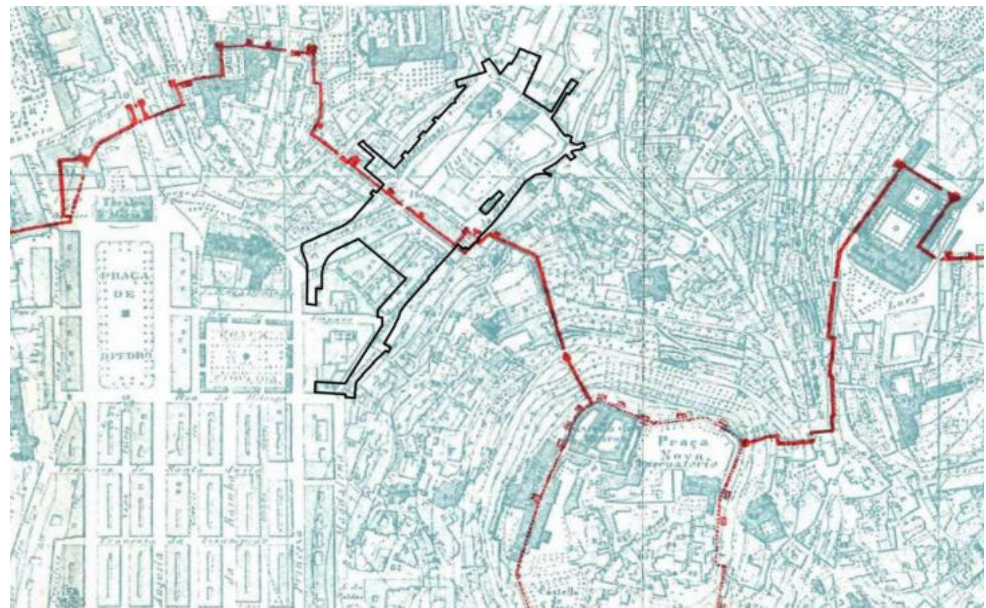


figura 6
Traçado Geral da cerca Fernandina na Cidade de Lisboa (segundo A. Vieira da Silva, 1987)

O terramoto ocorrido em 1755 veio a afetar parte desta área. Alguns edifícios do sopé sudeste da encosta de Sant’Ana ruíram ou sofreram danos graves. Outros resistiram como sejam a Capela de Nossa Senhora da Saúde e a Igreja do Socorro.

No final do século XIX a cidade cresceu em população e atividades. Os terrenos situados no vale, fronteiros ao bairro da Mouraria, dariam lugar a quarteirões com ruas, pátios e becos, onde predominavam prédios densamente habitados.

No século XIV a área da atual praça era atravessada pela Cerca Fernandina, erguida entre 1373 e 1375. Aquando da sua construção a muralha era uma estrutura muralhada que delimitava a cidade medieval. Após inúmeros terramotos a muralha foi desaparecendo e, hoje, restam alguns vestígios na zona, como sejam: a Torre do Jogo da Péla e a Inscrição Comemorativa da construção da referida cerca.

O eixo da Rua da Palma, a norte, vai-se consolidando, desde o século XVI, como uma zona urbanizada e vai ocupando as antigas hortas dos mosteiros circundantes e definindo uma nova área na cidade. Este eixo não sofreu grandes danos com o Terramoto de 1755.

No final do século XIX a cidade expandia-se em população e atividade e foi preenchendo quarteirões e construindo-se de forma intensiva. Nasceram progressivamente, em muitas das antigas hortas conventuais, novas ruas, becos e pátios cujos prédios eram densamente habitados.



Geograficamente fronteiros ao bairro da Mouraria, de forma natural a sua identidade foi associada com aquele bairro como expansão da antiga “mouraria” (designação do gueto destinado aos “mouros” expulsos do interior da cidade após a conquista cristã de Lisboa em 1147).

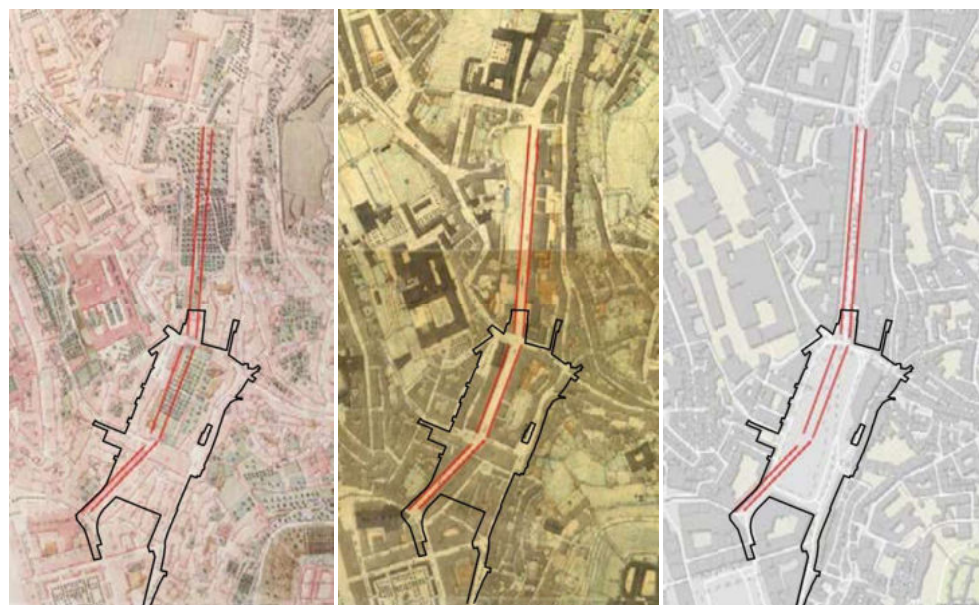


figura 7

Em Marcação da Rua da Palma sobre cartografia de 1856, 1878 e 2016 (Tiago Borges Lourenço 2018, “A Mouraria da Velha Rua da Palma. Quatro séculos no ciclo de vida de um arruamento” in Cadernos do Arquivo Municipal n 9 série II

No século XX, entre 1930 e 1960, esta área tornou-se foco do novo urbanismo assente nos princípios de higienização e embelezamento. Esta política urbana que considerava a cidade antiga como um impedimento ao progresso, vem manifestar-se em duas décadas de profundas demolições de edificações que terão sido maioritariamente construídas um século antes na zona central da atual Praça do Martim Moniz. Destas demolições apenas seria poupado o bairro da Mouraria e a capela de Nossa Senhora da Saúde.

Dos escombros surgia um vasto largo, então denominado Martim Moniz, um “mito” da reconquista cristã e figura conveniente à ideologia do Estado Novo. Este largo seria parcialmente preenchido, na década de 50, com pavilhões pré-fabricados para atividades comerciais, paragens de autocarros e elétricos, e ainda um parque de estacionamento.

Uma década mais tarde, em 1966, foi inaugurada, no subsolo do largo, a 13.^a estação da rede de metropolitano - Socorro - que mais tarde virá a ter o nome de estação do Martim Moniz.



figura 8

Lado norte da Praça. À direita, o Castelo de São Jorge. Praça Martim Moniz 1955.

*Eduardo Macedo Portugal.
CML/AML/Arquivo
Fotográfico/PT/AMLSB/CMLSBAH/PC
SP/004/
EDP/001223*



Entre 1950 e 1975 foram realizados vários estudos e planos para o Martim Moniz, integrados nos trabalhos do Plano Diretor de Urbanização de Lisboa. As propostas apresentadas seguiam as ideias europeias da época, propondo grandes ruturas com o tecido urbano existente, edifícios monumentais e vias rápidas.

figura 9

Maquete da Praça Martim Moniz com Estudo, 1967, Eduardo Paiva Lopes e de A. Barros da Fonseca,

*Gabinete do Martim Moniz
CML/AML/PT/AMLSB/CMLSBAH/PCS
P/004/SER/011103*





figura 10

*Gabinete do Plano Diretor da
Cidade de Lisboa
1965 - Estudo de Conjunto do
Martim Moniz –
Gabinete do Martim Moniz*

*Estudo da Integração da
Capela de Nossa Senhora
da Saúde
Urbano.
CML/AML/PT/AMLSB/CMLSBAH/
PURB/002/05317*

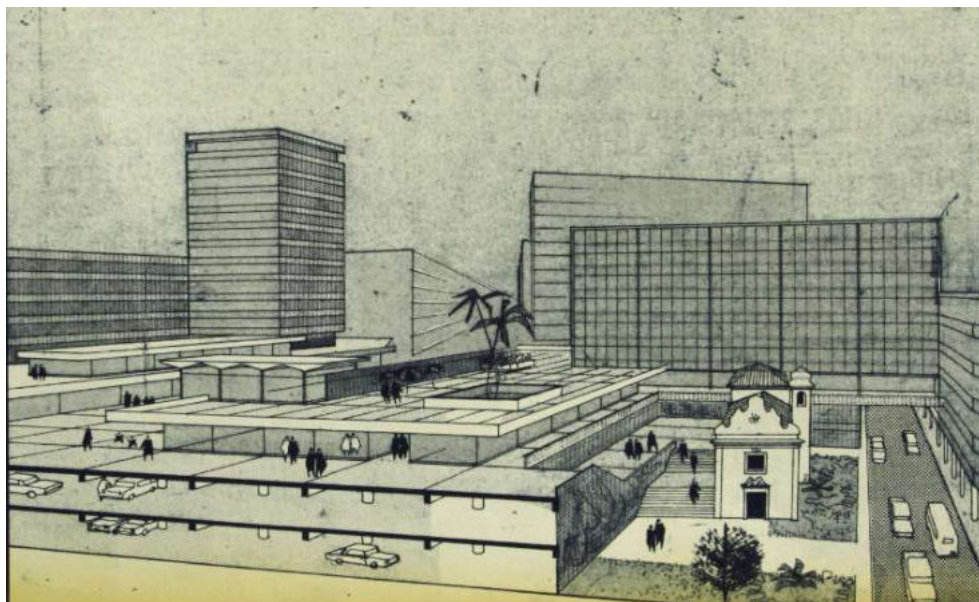
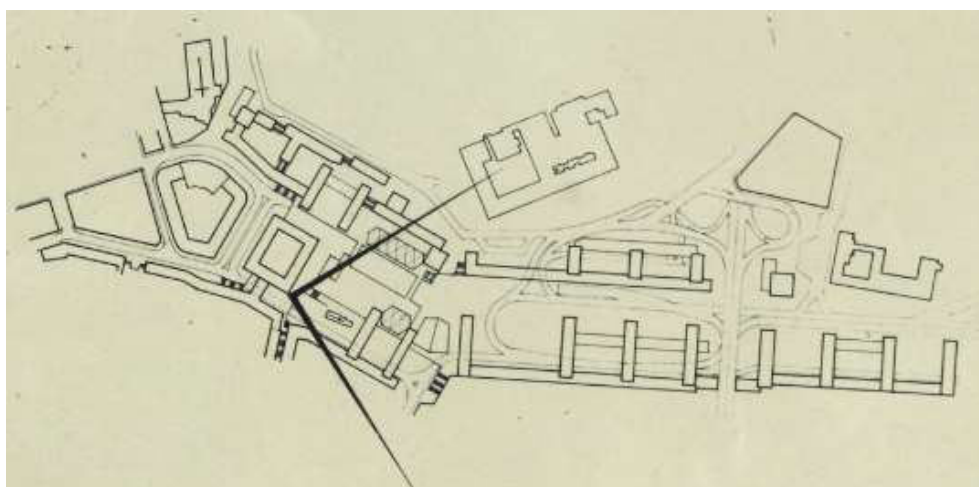


figura 11

*Gabinete do Plano Diretor da
Cidade de Lisboa
1965 - Estudo de Conjunto do
Martim Moniz –
Gabinete do Martim Moniz
Planta e angulo de perspetiva
da imagem anterior
(a mesma referência)*



Em 1972, o Plano de Renovação do Martim Moniz é confiado à EPUL – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, criada pelo Governo em 1971 para controlar a especulação imobiliária e a construção privada e desregrada nas áreas suburbanas.

Parte dos terrenos municipais foram transferidos para a EPUL e anexados a outros terrenos do Estado. Por não ter sido possível viabilizar a implementação do estudo de 1972, a EPUL, em 1975, promoveu um novo estudo mantendo os mesmos princípios urbanísticos. A equipa era constituída pelos arquitetos Filipe Lopes e Leopoldo Criner, entre outros. Deste estudo apenas um edifício na Rua do Arco do Marquês do Alegrete foi construído (1982), tendo a conjuntura económica e política, após 1975, inviabilizado a sua concretização.



figura 13

*Maquete do Plano de
Renovação do Martim Moniz,
1975, EPUL.*

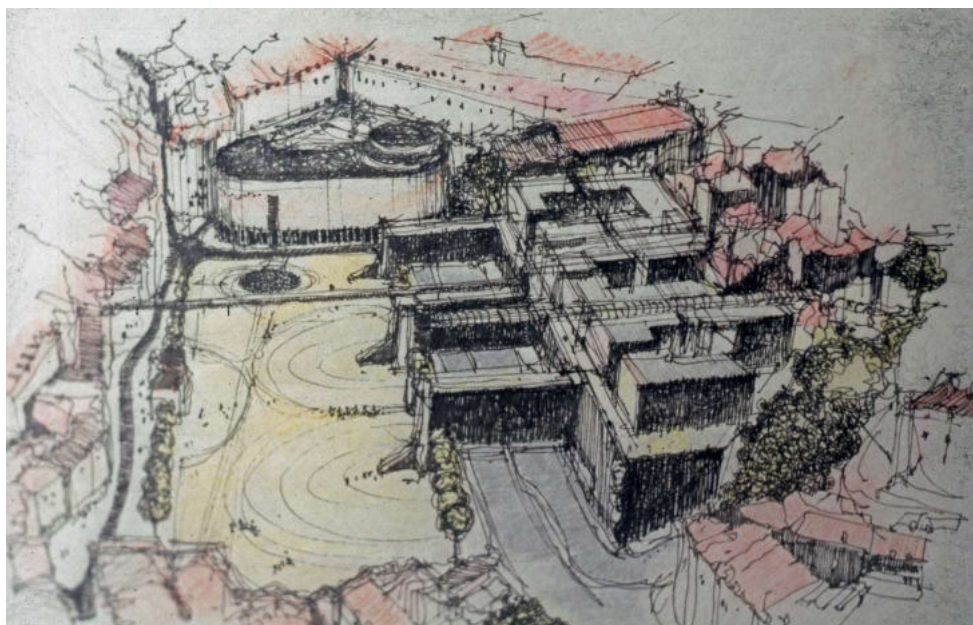
*“Renovação Urbana do Martim
Moniz”, in Revista
Bienal de Arquitectura,
Planeamento, Design
Construção e Equipamento. Ano IV, 4a
Série,
Nº 146, Maio 1982.*



Como não foi possível implementar o plano de 1975 a EPUL lança um concurso em 1980 para fazer novo Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz, ao qual concorreram 63 equipas, das quais 27 apresentaram propostas. Destas foram selecionadas 3 para a fase final onde se de formalização e desenvolvimento do plano das intenções apresentadas na primeira fase. As equipas selecionadas com os melhores projetos foram as equipas dos arquitetos Francisco Silva Dias; Tomás

figura 12

*“... a proposta que se apresenta visa
a construção de uma praça
no Martim Moniz...” In Princípios
Básicos de Integração Urbana.
Desenho ilustrativo do autor.
Maquete da proposta.
Desenho e imagem da cortesia de
Ana Silva Dias, filha do Arquitecto
Francisco Silva Dias..*





Taveira e Troufa Real; e Carlos Duarte e José Lamas. Esta última equipa foi a vencedora.

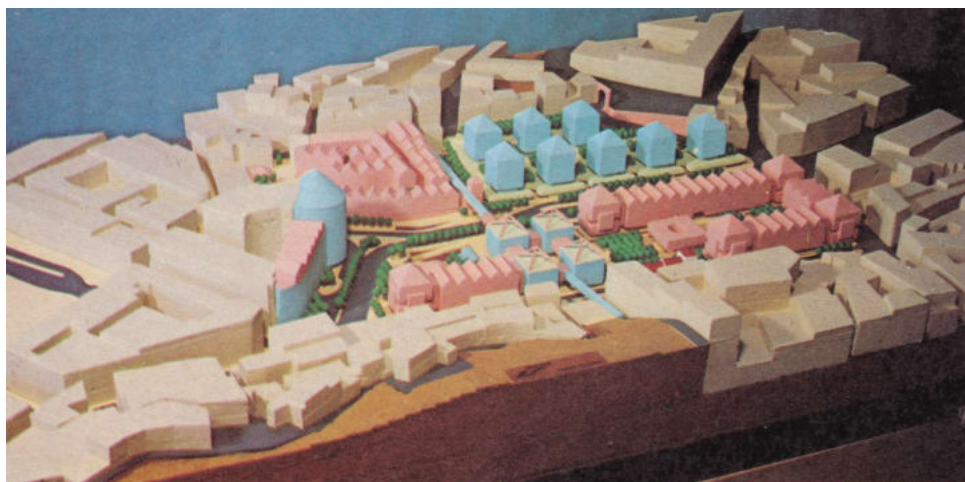
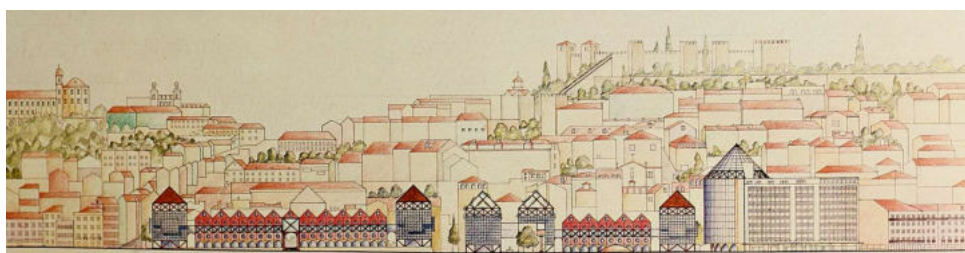


figura 15 e 16

“...escolha de um conjunto de
“espaços” e “edifícios” cuja
“imagem
suficientemente impressiva”...

Maquete da proposta,
simulação de vista do Castelo
de São Jorge
Alçado Poente.

In “Martim Moniz, Estudo de
Renovação Urbana da área do
Martim Moniz”,
1981 Tomás Taveira. Cortesia
do Autor.



A proposta vencedora foi concretizada no Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz e data de 1982, não tendo sido totalmente construído. Dos espaços públicos apenas foi construída uma pequena parte do espaço pedonal com calçada

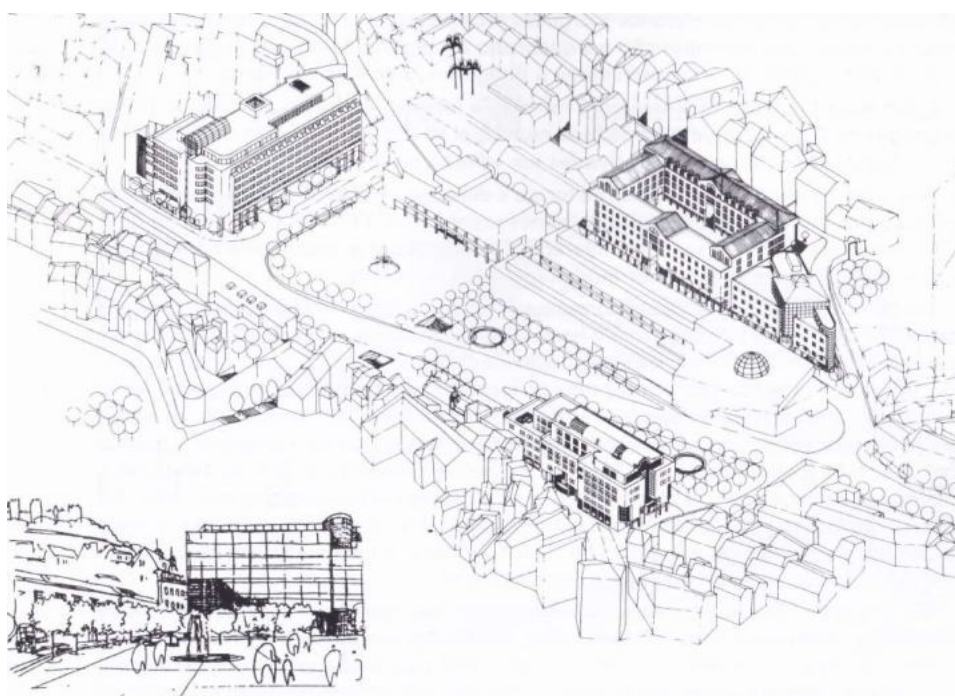


figura 14

Plano do Martim Moniz.

Perspetiva axonométrica
mostrando o desenvolvimento
do plano em projetos de arquitetura
para alguns setores.

In *Morfologia Urbana e Desenho
da Cidade*, José M. Ressano Garcia
Lamas.

Fundação Calouste Gulbenkian,
1992



artística (Autoria de Eduardo Nery), integrando a Capela de Nossa Senhora da Saúde com o Centro Comercial da Mouraria. O edifício central, a implantar na praça, não foi construído.

Em 1994 o Plano Diretor Municipal de Lisboa define para o Martim Moniz uma Unidade Operativa de Planeamento e Gestão cujos objetivos implementados em 1997, com uma praça central com um sistema viário circular e a construção do parque de estacionamento subterrâneo. Foi a construção desta proposta que transformou o lugar Martim Moniz na praça que hoje conhecemos, sendo-lhe



Figura 17
*Imagem de Googlemaps com a
calçada artística de Eduardo
Nery*



atribuído o topónimo oficial de Praça Martim Moniz por Edital de 15/12/1997 (ver 2.3.1 Projeto da Praça em 1997).

Entre 2004 e 2014 completa-se a frente urbana do lado poente da Praça. Em 2012 cria-se o Mercado de Fusão.

Em 2018 nasce uma ligação pedonal entre o Martim Moniz e o Castelo de São Jorge através de um sistema de escadas rolantes instalado nas Escadinhas da Sra. Da Saude.



figura 18
“Mercado de Fusão”
Vista do terraço do “Topo Bar”
2017/Marta Barrio Tobío

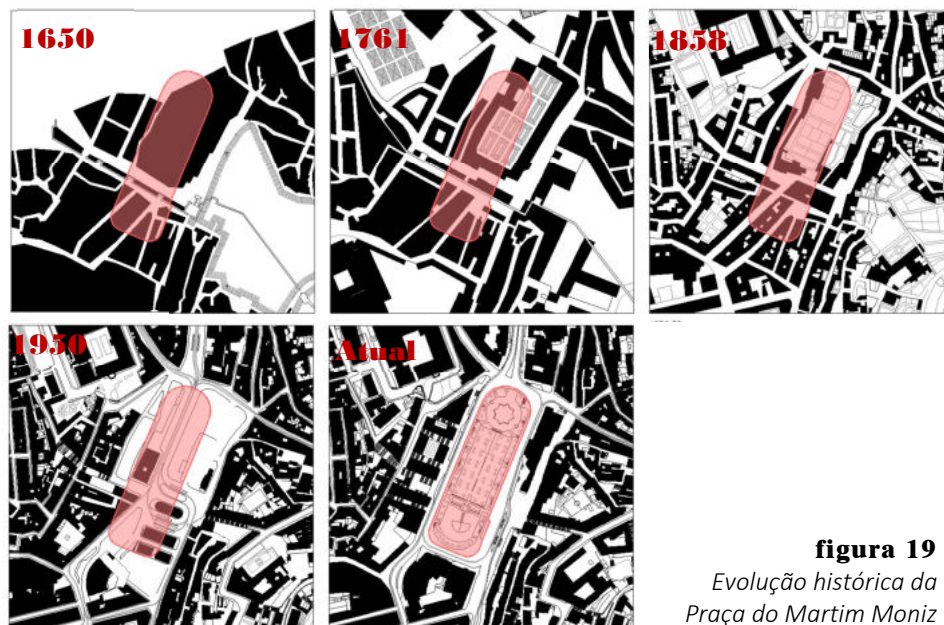


figura 19
Evolução histórica da
Praça do Martim Moniz

2.3.1. Projeto da Praça em 1997

A praça atual é da autoria de Daniela Ermano, arquiteta, João Paulo Bessa, arquiteto e Gonçalo Ribeiro Teles, arquiteto paisagista cujo projeto data de 1997. Para uma melhor compreensão do projeto que deu origem à atual praça transcreve-se um extrato da memória descritiva que descreve e ilustra a proposta³:

“Decidimos assim, dividir a praça em três zonas:

- a) na 1ª, tendo como preocupação articular os eixos da nova praça com a avenida e estabelecer uma relação integradora na envolvente urbana;*
- b) na 2ª, procurando através de um comércio especial e de qualidade, atrair as pessoas ao seu interior;*

³ Texto escrito para o 44º Congresso Mundial da FIHOUT pelo Arquiteto João Paulo Bessa, retirado do Blog Finisterra Suave



c) na 3ª, criando um clima lúdico que possibilite tempos dinâmicos de distração.

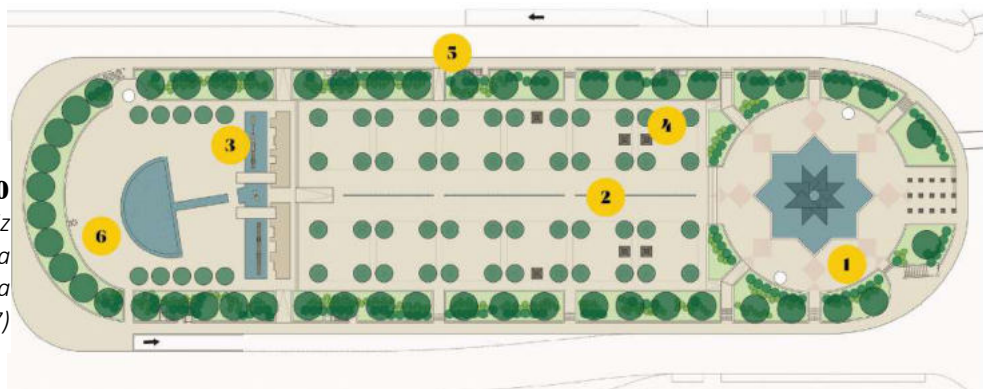


figura 20

Projeto da praça do Martim Moniz
da autoria da autoria de Daniela
Ermano, arquiteta, João Paulo Bessa
(1997)

Para resolver os problemas criados pela intensidade do tráfego e enquanto cortina de salvaguarda visual e articulação com a escala envolvente dos edifícios mais modernos, decidimos rodear a praça de revestimento arbóreo denso e elevado (identificado em planta com o número 5). Quem chega pela Almirante Reis ao Martim Moniz encontra um primeiro espaço de paragem numa estrela, numa rosa dos ventos, que constitui uma placa giratória capaz de infletir um eixo e, na leveza dos seus jogos de água, relacionar e articular a escala urbana com a redução necessária ao conforto de quem passeia.

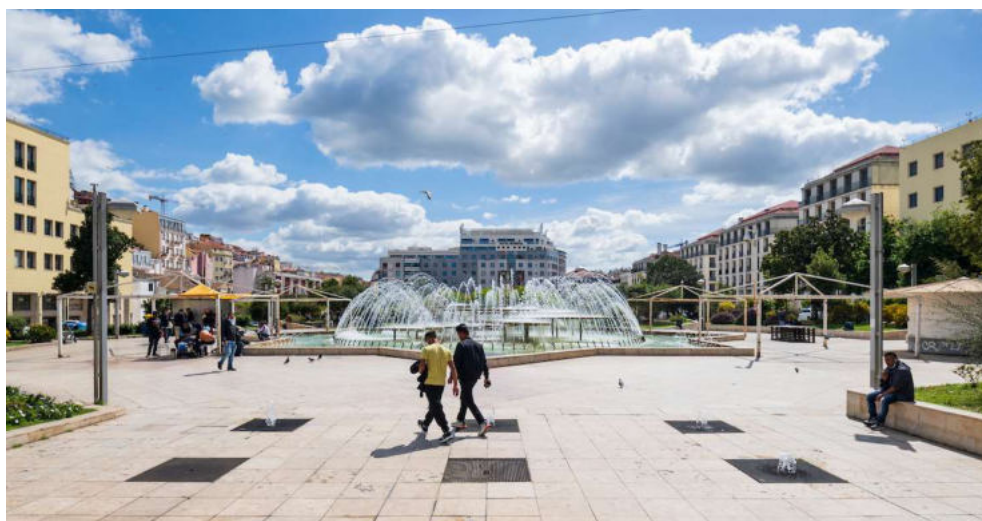


figura 21

1. Fonte Rosa do Ventos
Créditos: Nuno
Correia/DMCOM/CML

Na parte central criando a atracção necessária para a frequência de uma população exterior às zonas envolventes e para o entretenimento dos utentes habituais, um conjunto de quiosques destinados à venda de artesanato qualificado desenha pequenos pátios a que as laranjeiras dão a sombra para um tempo de espera a que os bancos convidam.



figura 22
4. Banco em caldeiras com laranjeiras. Equipamentos demolidos em 2018 para aumentar a área comercial no interior da Praça.
2017/Marta Barrio Tobío

Logo a seguir, três degraus para entrar num espaço que aborda, com ironia, a mitologia histórica das proximidades do sítio. Um muro-muralha, vaga impressão fernandina e onde guerreiros - de bandeiras colocadas ao alto e engalanados de românticas plumas ao vento - parecem perfilados na perenidade da recordação de conquistadores, dá o tom à plasticidade de uma outra praça.



figura 24
3. Elemento Central do jogo de água da “Muralha de Lisboa”- Em Memória de Martim Moniz
2017/Marta Barrio Tobío



Uma porta entreaberta - marcando a direcção das escadarias das encostas opostas - um machado enorme jorrando das suas marcações um labirinto de águas (...) Lá ao fundo, no limite que obriga ao retorno, restos marcantes da cultura vencida que, por tantos anos quantos os que chegam até hoje continua a jorrar marcando a vida e os passos do ser português. A esta cultura dum sul tão próximo juntam-se pequenas influências das sete partidas do mundo que demandamos em quinhentos.



figura 25

6. Anfiteatro, com espaço verde marcado pelos lindos carvalhos. Enquadramento dos carvalhos com a Fonte do Machado 2017/Marta Barrio Tobío

É assim: uma praça espaço de paragem, de lazer, feita de percursos com lembranças à frescura das árvores e do correr da água. Um espaço de divertimento.”⁴

2.4. Conjunto Edificado e usos

Os edifícios que constituem as ruas da Palma, Rua de São Lázaro, a Rua José António Serrano e a Rua da Mouraria são do final do século XIX e início do Século XX. Podem ser consultados os projetos dos edifícios que constituem área de intervenção no Anexo IX do Caderno dos Termos de Referência. A maior parte destes edifícios têm sido alvo de reabilitação apesar de ainda existirem alguns edifícios devolutos, nas Ruas da Mouraria e José Serrano.

⁴ Texto escrito para o 44º Congresso Mundial da FIHOUT pelo Arquitecto João Paulo Bessa, retirado do Blog Finisterra Suave



Datado de 1982 o edifício de Escritórios e lojas, da autoria do arquiteto Bartolomeu Costa Cabral, foi o único edifício cuja implantação resultou do 1º Plano de Renovação do Martim Moniz elaborado pela EPUL. Este edifício encontra-se em mau estado de conservação e parcialmente devoluto. A sua integração na Praça é particular uma vez que o edifício permite, através do seu interior, um atravessamento pedonal entre a Praça do Martim Moniz e a Mouraria. Dado que edifício está parcialmente devoluto as suas rampas e passadiços são muitas vezes utilizados como abrigo para pessoas sem-abrigo.

figura 26

Edifício de Escritórios e Comércio, 1982. Implantação proposta no Plano da EPUL de 1975. CML/AML/Fotográfico/PT/A MLSB/CMLSBAH/PCSP/003/L XC/000184



O plano datado de 1982, resultante da proposta vencedora do concurso lançado pela EPUL, não chegou a ser implementado na sua totalidade, no entanto muitos edifícios propostos no Plano foram construídos. Em 1989 o Centro Comercial da Mouraria, da autoria do arquiteto José Lamas e Carlos Duarte, em 1991 o Centro Comercial do Martim Moniz, da autoria do arquiteto Troufa Real e a ampliação do Hotel Mundial construído em 2004.

figura 27

Centro Comercial da Mouraria Nuno Correia, 2020 / CML





Entre 2004 e 2014 completa-se a frente urbana. A construção do edifício da EPUL, no lado poente da Praça, esteve envolta em grande polémica devido ao tempo que demorou a construção, durante a qual foram realizadas escavações arqueológicas cujos achados foram significativos para o conhecimento histórico da Cidade.



figura 28

*Vista da Praça do Castelo,
frente edificada
completa dos Edifícios da
EPUL
2017/Marta Barrio Tobío*

Em 2018 foi inaugurado, na Rua da Palma, o quartel do Regimento de Sapadores Bombeiros do Martim Moniz, Lisboa.

Hoje a Praça possui um forte carácter comercial, com dois centros comerciais e bastante comércio grossista. Na praça e nas ruas circundantes existem lojas de revenda. Este facto dificulta as cargas e descargas, a circulação dos peões e a circulação automóvel.

A Praça tem uma forte presença turística existindo vários hotéis e alojamentos locais na Praça e nas áreas envolventes.

A vida ferve em torno da praça do Martim Moniz.



2.5. A praça em 2022

A praça é constituída por uma rede viária e pela placa central. A rede viária possui 3 faixas a nascente, e duas faixas a norte, sul e poente. Os acessos ao estacionamento localizam-se nos limites exteriores poentes e nascente da placa central, tal como os acessos pedonais. Os acessos ao Metropolitano encontram-se na zona norte da praça, estando um deles no interior da placa central. Na zona nascente da praça a Igreja da Saúde cria uma pequena centralidade na praça que veio beneficiar bastante da instalação das escadas rolantes nas escadinhas da Saúde, pela ligação mais acessível à colina do Castelo.

figura30

Corte transversal com a Colina do Castelo e a Colina de Sant'Ana. Ligação ao Poço do Borratém e à Rua da Palma
Desenho ilustrativo 2020/Silvia Pedro/DMU/DEP/DEU

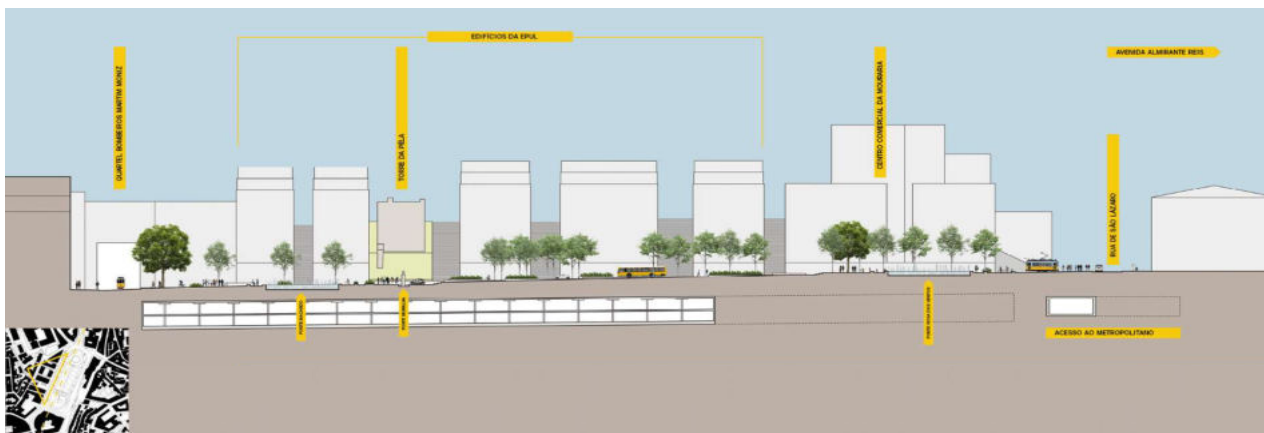
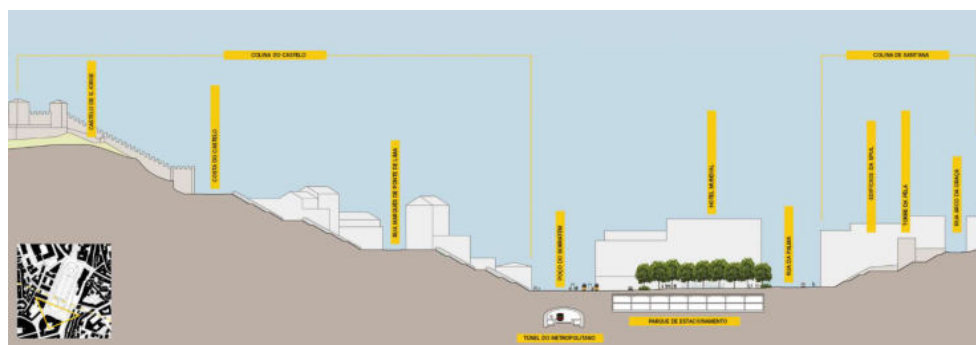


figura229 - Corte longitudinal, relação da Praça com a Colina de Sant'Ana. Ligação à Avenida Almirante Reis. Desenho ilustrativo 2020/Silvia Pedro/DMU/DEP/DEU

Em redor da Capela e ao longo de toda a rua da Mouraria existe uma calçada artística da autoria de Eduardo Nery. Na fachada nascente da capela existem 4 olaias.

Todos os passeios existentes na praça são revestidos com calçada de vidro. Já a placa central é revestida a lajedo de calcário lioz e os muretes dos canteiros revestidos a calcário moleanos.

A placa central apresenta um desenho simétrico no sentido longitudinal e quase simétrico no sentido transversal. A formalidade do desenho da praça acentuada ainda pela extensa utilização de material pétreo é ainda mais expressiva dada a



grande informalidade do tecido construído que a envolve. O seu interior da praça, constituído por uma extensa área de pavimento com elementos de água e por fiadas de postes de iluminação é delimitado por canteiros. É nos muretes dos canteiros, junto ao arvoredado, que a maioria dos utentes se senta, tanto isoladamente como em grupo.

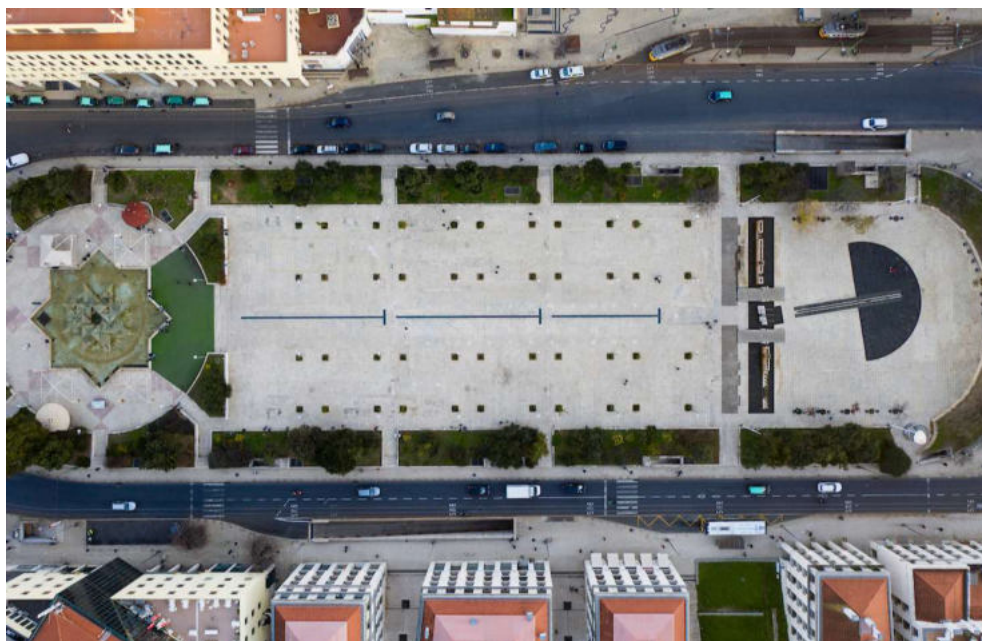


figura31
*Vista aérea da Praça
Martim Moniz*
Créditos: Nuno
Correia/DMCOM/CML

Os canteiros que delimitam a placa central possuem, no interior desta, uma altura de cerca de 40cm na zona poente, verificando-se o inverso na zona nascente onde os canteiros estão de nível com o interior da praça e sobre elevados 40 cm em relação ao pavimento de calçada que envolve o exterior da praça. Esta situação deve-se à diferença de cotas de nascente para poente.

Estes canteiros são intercalados pelos acessos à praça, na maioria das vezes através de degraus. O revestimento dos canteiros é constituído por relvado e herbáceas dispersas e alguns arbustos de médio porte.

No topo sul do interior da placa central o canteiro existente é rematado por um murete com cerca de 1.20 de altura. É neste canteiro, com maior volume de terra vegetal, que se encontram cerca de seis carvalhos de grande porte e que constituem as árvores mais bem desenvolvidas do espaço. Os Carvalhos, tal como grande parte do arvoredado, terão de ser mantidos naquele local, (Relatório Técnico do Arvoredado Martim Moniz, ANEXO VII -CONDICIONANTES do Termos de Referência).

Os canteiros a nascente e poente possuem arvoredado com espécies *Brachychiton* e *Olaias* com um desenvolvimento pouco expressivo.



figura 33
Canteiros/Bancos do
lado Poente
Créditos: Nuno
Correia/DMCOM/CML



Na zona sul da placa central encontram-se bancos cúbicos individuais, em granito, não existindo, dentro da praça mais nenhum tipo de mobiliário para sentar. Existem, também, dois quiosques cilíndricos já desativados.

figura32
Canteiros do lado Nascente
Créditos: Nuno
Correia/DMCOM/CML



No topo sul existem diversos jogos de água em funcionamento que refrescam bastante o espaço (Fonte Machado). Este jogo de água não constitui nenhuma barreira para o peão, dado que se pode caminhar sobre a grelha metálica mesmo quando a fonte está em funcionamento. Suscita entusiasmo entre os visitantes, especialmente entre as crianças.

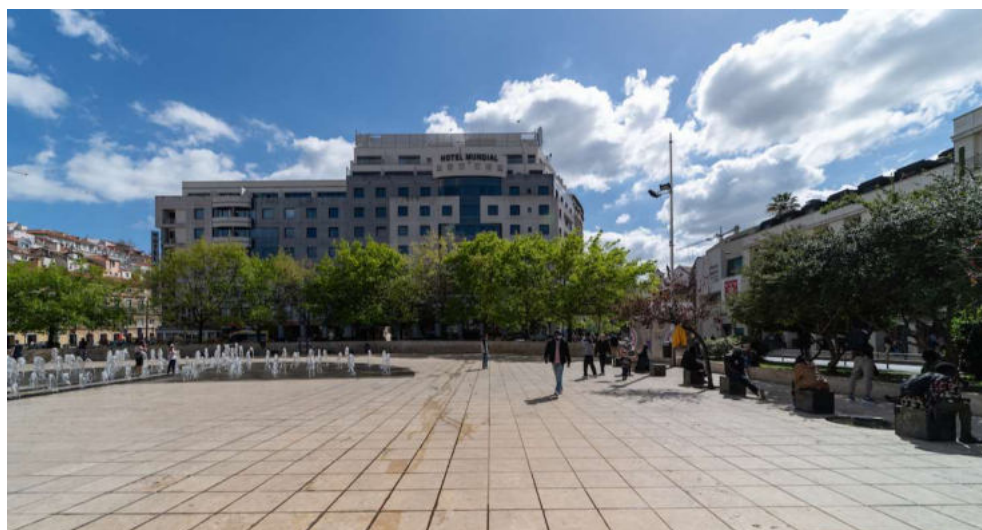


figura 34

Vista sobre o topo Sul

Créditos: Manuel Rodrigues

Levita/DMCOM/CML

No interior da placa central, na zona do traçado da antiga muralha Fernandina, localiza-se o monumento representativo da antiga Muralha que é constituído por uma construção com elementos de água constitui uma barreira física na praça.

No topo norte existe, também, um elemento de água, em forma de estrela, com repuxos e muretes de contenção da água onde a pessoas se sentam. Em volta deste elemento de água alguns tapetes de relva artificial testemunham o antigo uso da praça com esplanadas e bancas de alimentação – o antigo mercado de fusão. Importa referir que aquele mercado ocupava grande parte da placa central e era considerado, por uma margem sinificativa da população residente, um grande gerador de ruído noturno,



figura 35

Vista aérea sobre a fonte do

topo Norte

Créditos: Nuno

Correia/DMCOM/CML



Hoje aquele extremo norte da placa central é especialmente frequentada por jovens que se sentam de forma informal junto ao elemento de água ou nos muretes dos canteiros que o envolvem onde se goza de alguma sombra.

As zonas que os utentes do espaço atual aproveitam para estar isolados ou em grupo estão, na maioria dos casos, associados aos elementos de água ou aos muretes dos canteiros mais ensombrados. Também é frequente ver pessoas deitadas, à sombra, nos canteiros com relva.

Estes cenários descrevem a utilização do espaço durante os períodos sem chuva e mais quentes.

Do ponto de vista da relação da placa central com o espaço envolvente considera-se que a existência de canteiros com acessos pedonais estreitos impede a fluidez entre interior e exterior como seria de esperar numa praça e geram situações de insegurança em algumas áreas. Por outro lado a inexistência de condições de estadia no interior justificam muito pouco a sua utilização. É um espaço amplo e com pouca sombra, sem oferta de zonas de estadia ou qualquer outro tipo de equipamento e com um *deficit* de subespaços com escala para acolher atividades e encontros de pequenos grupos. Não existe um espaço para crianças nem um sítio de encontro ensombrado para além das áreas de canteiros onde as pessoas se encontram sentando-se nos muretes existentes.

Apesar da aparente “inutilidade” do espaço da placa central do Martim Moniz este espaço constitui um lugar único na cidade pela forma como é “habitada” pela vida ocorre em volta e pela forma com é ocupada, em particular, aquando de grandes acontecimentos coletivos, como sejam as comemorações do “Novo a no Chinês” e o final do “Ramadão”.



figura36

*Jogo de Críquete informal
2014*

Créditos: Autor Desconhecido



2.6. Caracterização Sociológica e usos

2.6.1. Caracterização Sócio-Demográfica

O Martim Moniz será um dos locais de Lisboa onde se articulam maior número de etnias e onde se podem encontrar mais exemplos de comércio relacionado com as culturas sul e sudoeste asiáticas. No entanto, o conhecimento desta realidade não pode ser aferido pelos dados dos recenseamentos e seria necessário recorrer a um inquérito específico.

A metodologia utilizada para a caracterização sociodemográfica constou do tratamento dos dados dos recenseamentos da população e habitação realizados em 2011, correspondentes às subsecções estatísticas contidas numa envolvente à Praça do Martim Moniz de 500 metros, uma vez que não existe informação de carácter extensivo com maior actualidade. A área em estudo, definida deste modo, tem cerca de 120 hectares ou 1,2 km² e uma densidade populacional de 11.350 habitantes por km², praticamente o dobro da média da cidade.

2.6.1.1. Habitação

A antiguidade do edificado não deixa dúvidas, os Censos 2011 identificaram 73% dos edifícios com função residencial de construção ou alterações anteriores a 1946 e 10,7% até 1960. Apenas 9,3% dos edifícios foram construídos entre 1961 e 1995 e 6,9% entre 1996 e 2011. Do total de edifícios com habitação 2.236 eram exclusivamente ou principalmente residenciais e apenas 115 eram principalmente não residenciais, demonstrando a forte vocação residencial do tecido urbano envolvente do Martim Moniz. A densidade de edifícios era de 616 por km².

Ao nível da estrutura de alojamentos, dos 10.571 existentes 0,8% eram alojamentos coletivos e 28,1%, um número muito elevado, eram alojamentos vagos. Existiam ainda 40,3% de alojamentos sazonais ou de residência não habitual, revelando o peso de atividade de alojamento local de duração curta. O modo de ocupação residencial era maioritariamente de alojamentos arrendados (67,5%), sendo que os proprietários residentes eram 28% do total de alojamentos familiares. Com a distribuição do efetivo populacional pelo número de alojamentos efetivamente ocupados (6.231) obtemos uma média de ocupação de 2,2 pessoas por fogo.

2.6.1.2. População

A estrutura demográfica da área envolvente ao Martim Moniz revela o peso da população activa, em que mais de metade da população total correspondia a população em idade ativa (56,2%). Apesar de alguma aproximação à média da cidade, há um duplo envelhecimento da estrutura dado que o grupo etário dos 0



aos 14 anos possui um peso relativo de 10,0%, bastante inferior ao dos idosos (25,2%). Isso mesmo é demonstrado pelo índice de envelhecimento que atingia um valor de 252,2, ou seja, por cada jovem com menos de 15 anos existiam quase 2,5 idosos, valor superior ao da média da cidade, que se situava nos 1,8.

Ao nível dos agregados familiares a população da área em estudo era constituída por 6.736 famílias, o que se traduz numa dimensão média da família de 2,05 indivíduos.

O envelhecimento da população pode implicar o desenvolvimento de um quadro de degradação social e o surgir de fenómenos de pobreza e abandono, dependendo da origem socioeconómica dos pensionistas e reformados e, naturalmente dos seus rendimentos. Por outro lado, implica uma alteração da dinâmica de uso e procura dos equipamentos existentes, havendo necessariamente uma procura superior dos serviços de saúde, assistência e espaços públicos e uma redução da pressão sobre os equipamentos de educação e desportivos.

A população da área em análise possuía níveis de instrução e escolaridade de baixa qualificação, dado que 56,8% da população possuía como habilitações menos que o ensino secundário. A população com mais altos níveis de qualificação, ao nível de formação superior, corresponde a 19,3% do total, o que é manifestamente abaixo da média da cidade (30,6%).

Ao nível da atividade económica da população residente na área de estudo, a maioria era constituída por indivíduos com atividade económica (49,2%), sendo que estavam desempregados 15,8%, valor que denota a fragilidade social da zona pois é mais alto que a média da cidade (11,9%).

Quanto aos sectores de atividade dos habitantes ativos a esmagadora maioria exercia a sua atividade no sector dos serviços, havendo ainda 10,4% da população cuja atividade pertence ao sector secundário.

2.6.2. Caracterização sociológica

A atual praça tem um número relativamente baixo de habitantes, confirmando uma certa tendência para o despovoamento de moradores no centro histórico e na baixa pombalina. Ainda assim, a relação entre a população residente e o território mostra níveis elevados de densidade e com uma elevada presença de população adulta e sénior, assim como o quociente mais baixo no município de jovens até aos 14 anos. O Diagnóstico Social elaborado pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, em 2014, acrescenta que, considerando os escalões etários, o número de mulheres acima dos 64 anos ultrapassa o dos homens, sendo que mais de 20% da população residente tem 65 ou mais anos. Ao fenómeno do envelhecimento da população residente contrapõe-se outro que é o do estabelecimento de comunidades estrangeiras na freguesia, em particular na Mouraria e na envolvente



da Praça do Martim Moniz. O Diagnóstico da Junta de Freguesia revela que quase 15% dos residentes tem nacionalidade estrangeira, sendo que a Mouraria ultrapassa o 23%. Observação empírica deste território confirma a elevada taxa de comunidades estrangeiras que habitam e trabalham neste território, juntando novos residentes – maioritariamente das comunidades chinesa, indiana, nepalesa, e do Bangladesh – aos fluxos de turistas e visitantes temporários na cidade que encontram alojamento neste território.

Há ainda uma terceira vaga de comunidades estrangeiras a influenciar a caracterização sociológica da Praça e que depende maioritariamente da reabilitação de zonas emblemáticas em freguesias limítrofes, como é o caso do Largo Intendente em Arroios e a revitalização do comércio local no bairro dos Anjos. Neste caso, as comunidades estrangeiras provêm maioritariamente de outros países europeus, como França, Itália e Espanha, juntamente ao Brasil.

Esta diversidade reflete-se nos dados recolhidos através do processo participativo para a requalificação da Praça do Martim Moniz, em particular na representação da diversidade multicultural que habita e trabalha no local, sendo que 29% das pessoas que responderam ao inquérito disponibilizado pela CML eram de outras nacionalidades, maioritariamente brasileira, italiana, alemã, francesa, espanhola, etc. A baixa taxa de resposta das comunidades asiáticas poderá ter a ver com dificuldades de tipo linguístico bem como de integração.



figura37

Celebração dia do Corpo de Deus.

Créditos: Francisco Silva Dias, 1980



2.7. Ruído

O Regulamento Geral do Ruído, aprovado pelo Decreto Lei n.º 9/2007 de 17 de Janeiro, estabelece que as zonas mistas (classificação de todo o município de Lisboa), não devem ficar expostas a valores de Indicador de ruído diurno-entardecer-noturno (Lden) superiores a 65 dB (A) e de Indicador de ruído noturno (Ln) superiores a 55 dB(A).

Na Praça do Martin Moniz existe um sensor de ruído, com medição em contínuo, do qual se apresenta dados fiáveis desde 13 de janeiro de 2022.

Este sensor está localizado a uma altura de aproximadamente 4m, no poste de eletricidade na placa central, junto à saída do parque de estacionamento.

Feita a análise dos valores medidos pelo sensor (reportados a médias horárias de 13 de janeiro a 26 de maio de 2022), determinou-se os valores para os indicadores anteriormente referidos.

No período considerado, o valor de Ln foi de 57,7 dB(A) e o de Lden de 68,5 dB(A).

Ambos os indicadores apresentam um valor superior ao estabelecido por lei, sendo que as principais fontes de ruído da zona em causa são o tráfego rodoviário (ligeiros e pesados) e a circulação de elétricos.

2.8. Sistema de Vistas

O sistema de vistas sobre a colina do Castelo e sobre a Avenida Almirante Reis constitui um relevante património paisagístico que importa valorizar. Para a imagem identitária do Martim Moniz contribuem, também, as panorâmicas para a colina do Castelo e a Nossa Senhora do Monte. São também relevantes as relações visuais com o eixo da Rua da Palma/Avenida Almirante Reis, a norte e entre as escadinhas da Saúde e a Torre da Pela, a Poente.

Com a construção dos dois centros comerciais, nos extremos noroeste e nordeste da praça, a visibilidade para a colina da Graça ficou reduzida, mas ainda é possível ver a Nossa Senhora do Monte a partir de alguns locais na zona sul da praça.

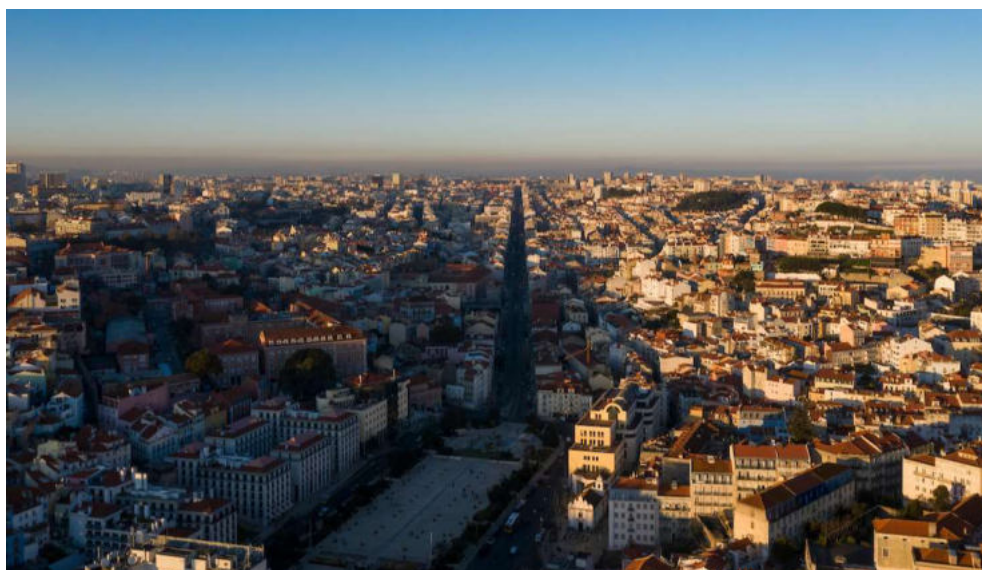


figura38

*Vista aérea sobre a Avenida
Almirante Reis.
Créditos: Nuno
Correia/DMCOM/CML*

2.9. Património Edificado

Segue-se um breve resumo da evolução do património edificado da área de intervenção. Para uma análise mais detalhada ver Relatório Prévio de Bens Patrimoniais (Anexo VII - Condicionantes – Termos de Referência)

Durante a última metade do século XIX a Praça foi alvo de várias ações de reconstrução. Estas ações deram origem a novos edifícios e elementos que marcam, sem dúvida, novos momentos da história desta Praça. Destes exemplos salientamos os seguintes edifícios/elementos:

1. O Edifício Salão Lisboa antigo Cinema Piolho (Anos 40) na Rua da Mouraria Junto às Escadinhas da saúde
2. Edifício nº 10 da Rua do Arco do Marquês de Alegrete, representativo do 1º Plano de Renovação do Martim Moniz concretizado pela EPUL em 1975, do arquiteto Bartolomeu Costa Cabral.
3. Pavimento em Calçada Artista na Rua da Mouraria representativo do Plano de Renovação do Martim Moniz de 1982 e da Autoria do arquiteto José Lamas e Carlos Ramos

Fazem também parte do património desta Praça os Elétricos que circulam no Largo desde que foram instalados na cidade de Lisboa e que ligam esta zona à colina da Graça e a colina de Campo de Ourique.

Existem vários edifícios classificados pela Direção Geral do Património Cultural. Estes imóveis têm na sua génese de classificação elevado valor histórico e arquitetónico e representam momentos importantes na História da Cidade.



Monumentos Nacionais - Resto das Cercas de Lisboa que integram a Torre da Pêla no seu conjunto (3222)

- Igreja de São Domingos (3294)

Imóveis de Interesse Público

- Casa de João das Regras (3218)

- Capela de N^ª S^ª da Saúde/Capela de S. Sebastião da Mouraria (4765)

- Edifício na Rua da Palma, 17 a 29 (4777)

- Edifício na Rua da Palma, 1 a 15 (4776)

- Edifício principal do Hospital de São José, antigo Convento e Colégio de Santo Antão-o-Novo (3236)

- Antigo Colégio dos Meninos Órfãos, Recolhimento do Amparo (3226)

Conjunto de Interesse Público Baixa Pombalina

Fazem parte da Carta de Património Municipal os seguintes **Conjuntos, edifícios e Objetos**:

1. Objetos Singulares Nicho de Santo António, Santo António e figuras diversas – Alminhas (A e B)
2. Conjunto arquitetónico – eixo urbano (parte) Rua da palma 194 a 288, Rua da Palma, 157 a 283 (31.94)
3. Imóvel de interesse Municipal Antigo Palácio na Rua João das Regras, 3^ª-3J (31.67)

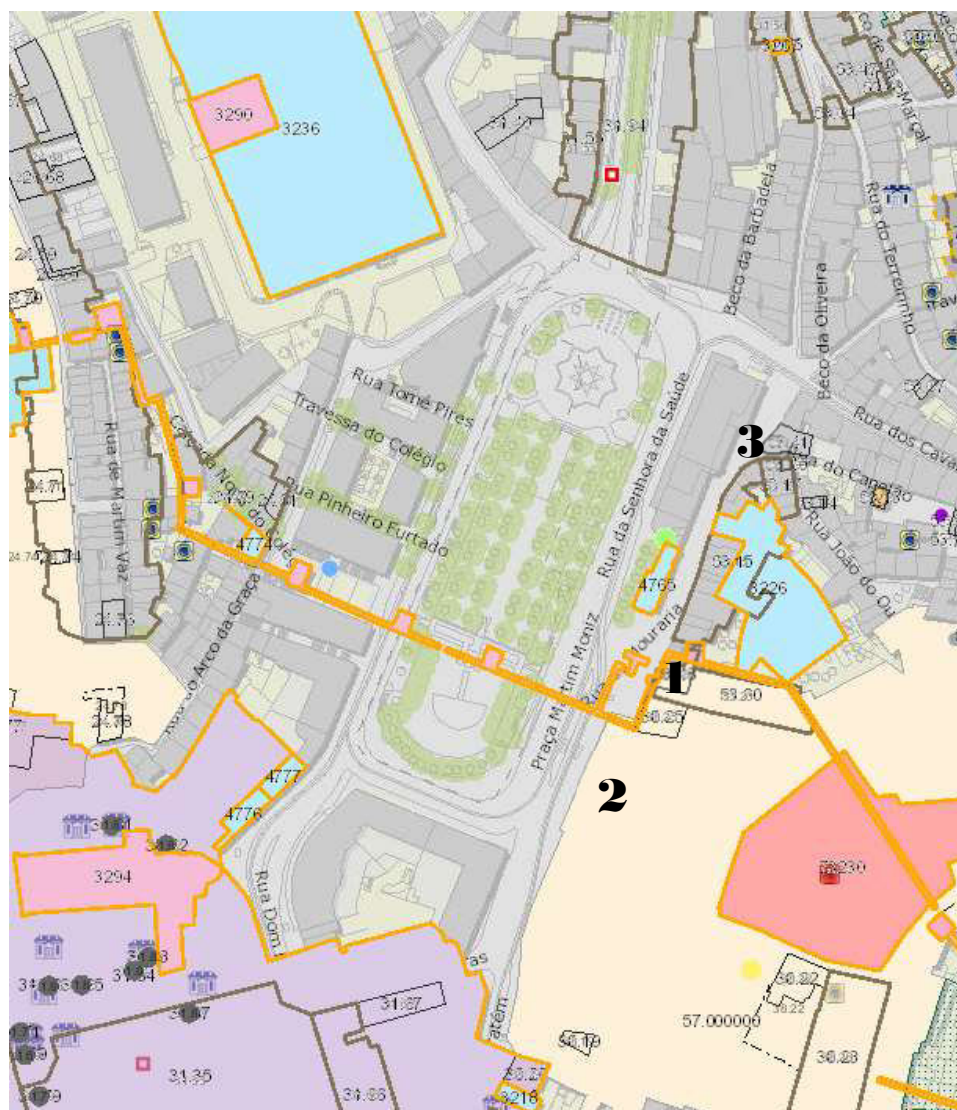


figura39
*Carta de Património Edificado
e objetos singulares*

Por último refere-se que o projeto do Centro Comercial da Mouraria tinha como intenção a ligação pedonal entre a Praça do Martim Moniz e a rua da Mouraria. No entanto esta passagem veio a tornar-se num espaço, definitivamente, fechado e apresenta graves problemas de salubridade.

2.10. Rede pedonal

A Praça está integrada na Rede Estrutural Pedonal da Cidade de Lisboa.

Prevalência do tráfego rodoviário sobre o pedonal (atualmente a praça funciona como uma grande rotunda).



Em 2018 inauguraram-se escadas rolantes nas Escadinhas da Saúde. O percurso da Mouraria integra o Plano Geral de Acessibilidades Suaves e Assistidas à Colina do Castelo com a instalação de meios mecânicos de mobilidade suave assistida.



figura 40

*Vista do topo das escadas
para a Praça
Nuno Correia, 2020 / CML*

Este plano pretende garantir a acessibilidade ao castelo através de várias zonas de cota baixa da cidade, em redor do Castelo.

O Percurso da Mouraria estabelece uma ligação contínua, parcialmente assistida por meios mecânicos (escadas rolantes), entre o Martim Moniz e o Castelo de São Jorge. É composto por 3 troços que ligam o Martim Moniz à Rua Marquês de Ponte de Lima, desta à Costa do Castelo e a Costa do Castelo ao Castelo de São Jorge. O



primeiro troço encontra-se já concluído: as Escadinhas da Saúde. A sua concretização permitiu vencer o desnível imposto pela topografia do território em condições de maior conforto e segurança, através de um sistema de escadas rolantes instalado nas Escadinhas da Sr^a da Saúde.

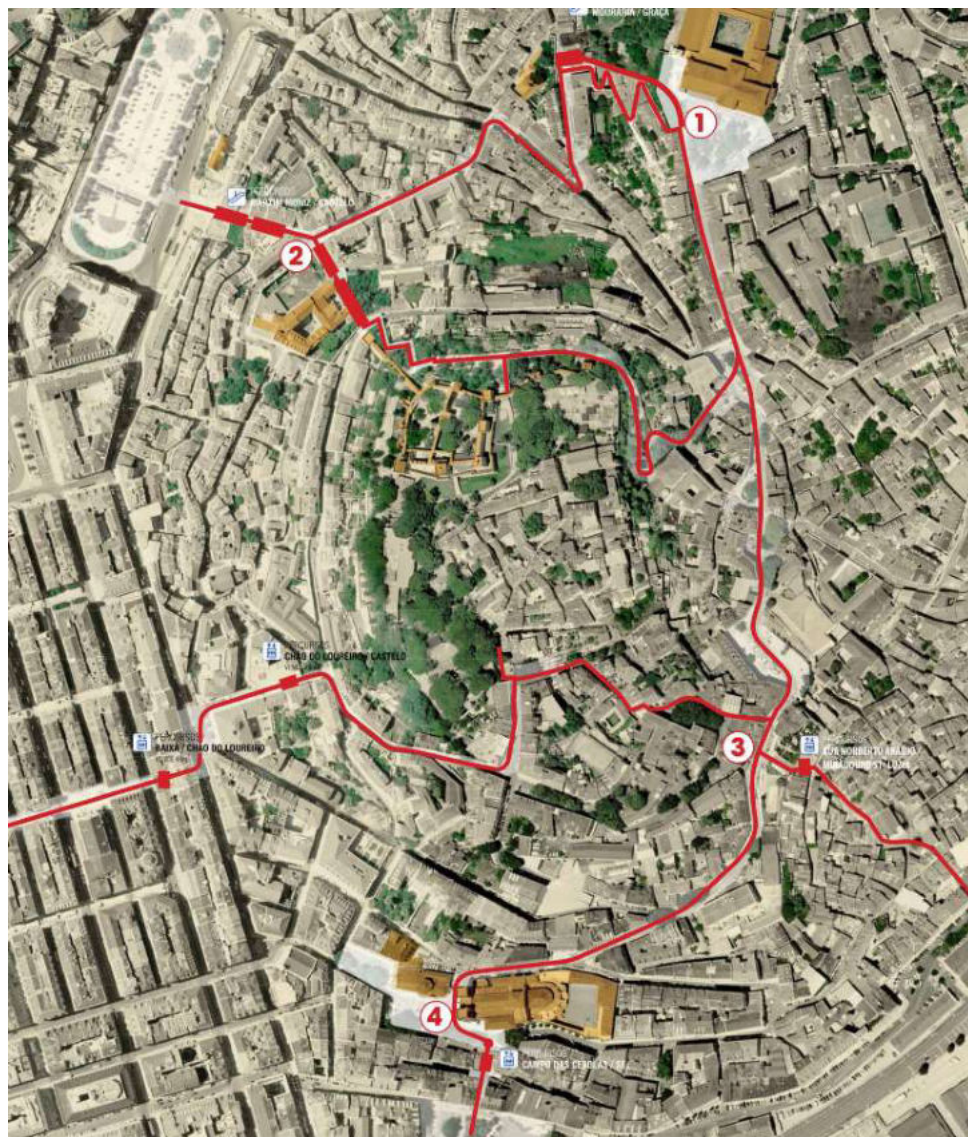


figura 41
*Plano Geral de Acessibilidades
Suaves e Assistidas à Colina
do Castelo CML*

A criação deste percurso insere-se, ainda, na estratégia que o Município tem vindo a implementar, neste bairro histórico, ao longo dos últimos anos, no sentido de

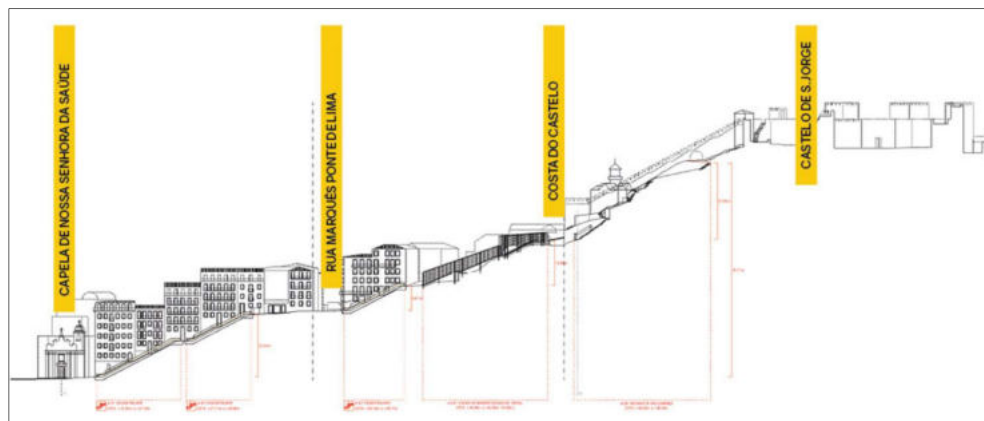


promover, não só a sua requalificação, como também a sua integração no contexto da cidade, contrariando o isolamento que lhe foi sendo conferido pela sua história .

figura42

Corte com o percurso da Colina da Mouraria, da Praça do Martim Moniz ao Castelo. Desenho técnico com cortes gerais.

Desenho nº 03, 2014, do Plano Geral de Acessibilidades Suaves e Assistidas à Colina do Castelo. Percurso da Mouraria. CML



2.11. Estrutura Verde

O Martim Moniz constitui uma área com um enorme potencial para estabelecer ligações com a estrutura verde de proximidade, através das colinas nascente e poente, e completar as ligações da zona ribeirinha e Baixa à estrutura verde principal.

As ligações potenciais do Martim Moniz à estrutura verde principal correspondem, respetivamente, à ligação ao Corredor Verde Central e ao Corredor Verde de Monsanto. A ligação ao Corredor Verde Central será concretizada através da Rua da Palma e da Avenida Almirante Reis. A ligação ao Corredor Verde de Monsanto tem a possibilidade de ser feita pela Praça da Figueira e Rossio à Avenida da Liberdade. Verifica-se assim uma oportunidade única para a concretização e valorização da estrutura verde principal e secundária da cidade através do Martim Moniz.



figura43
Ligações potenciais à
Estrutura Verde Principal e
Secundária da Cidade

Atualmente, na Praça do Martim Moniz as espécies arbóreas presentes nas zonas sobre laje são a *Brachychiton populneus*, *Quercus palustris* e *Cercis siliquastrum*. É notório o declínio dos *Brachychiton populneus* em relação aos *Quercus*, que se apresentam vigorosos. As espécies arbustivas dominantes são os *Nerium oleander*, Nas escadinhas da Saúde, já fora da área de intervenção, encontram-se plantados *Pyrus calleryana* var. *Chanticleer*. Na fachada nascente da Capela de Nossa Senhora da Saúde 4 *Cercis siliquastrum* ladeiam o passeio fronteiro.

Na maioria dos canteiros o revestimento é feito com relvado.

(Ver Relatório Técnico do Arvoredo do Martim Moniz (Anexo VII – Condicionantes dos Termos de Referência))

2.12. Mobilidade e transportes

2.12.1. Mobilidade

No seu conjunto, os arruamentos referidos, de acordo com a Planta de Ordenamento – Acessibilidades e Transportes do PDM de Lisboa, são classificados como vias da rede rodoviária municipal de 3.º nível (rede de distribuição secundária existente) e são servidos por transportes públicos através da rede de elétricos e autocarros da Carris e táxis. A área de intervenção abrange igualmente



as ligações rodoviárias a um conjunto de arruamentos, em espaço confinante com a Praça do Martim Moniz, de 4º e 5º nível da rede rodoviária municipal.

Associados aos meios de transporte de superfície devem ser considerados, na área de intervenção, a estação do metropolitano de Lisboa / Martim Moniz e o parque de estacionamento subterrâneo / Parque Martim Moniz com 720 lugares.

Em função do volume e da oferta de transporte coletivo, da diversidade dos modos de transporte, bem como do fluxo de passageiros, e tendo em vista a articulação desses diferentes modos, encontra-se previsto para a área de intervenção, de acordo com a Planta de Ordenamento – Acessibilidades e Transportes do PDM, o Interface de Transportes de 3º nível do Martim Moniz.



figura 44

Extrato de Relatório de Apoio à decisão realizado para a Praça do Martim Moniz – Lisboa Inteligente

As definições, especificações e características do interface proposto, constam do Anexo V do Regulamento do PDM.

A circulação rodoviária na praça apresenta um sistema de rotunda que permite fazer a ligação viária a todas as Ruas que ligam à praça e fazer retorno para a Avenida Almirante Reis. Ver ANEXO I.II. III .

2.12.2. Transportes públicos e turísticos

A Praça do Martim Moniz garante a interligação entre diversos modos de transporte coletivo (metropolitano /autocarros/elétricos/táxis) permitindo aos seus utentes a acessibilidade a diferentes pontos da cidade. Refira-se também a relativa proximidade ao serviço ferroviário através da Estação do Rossio com uma distância é facilmente percorrida a pé a partir da praça. Estes transportes dão



resposta a uma procura por parte de diversos utentes, nomeadamente: os residentes, os serviços terciários e comerciais, os serviços hoteleiros, a proximidade a uma unidade de saúde e naturalmente a ligação à zona mais central da cidade.

Existem paragens terminais de carreiras (12E, 28E, 734, 708) distintas das paragens de passagem, uma vez nos terminais os autocarros ficam mais tempo em espera antes de iniciar os serviços. Nestes casos pode ocorrer a presença simultânea de dois ou mais autocarros/eléctricos. Assim, nas áreas onde se reúnem diversos terminais e paragens de TP (nomeadamente do lado nascente da Praça), eventuais estudos de alterações devem ter uma avaliação ponderada. Os locais de terminais e paragem com indicação dos abrigos constam da planta de “Sinalização Vertical e Horizontal existente”.

- TRANSPORTES PÚBLICOS - PARAGENS**
- 708 autocarro
 - 760 eléctrico
 - M acesso ao metro
 - TAXI táxi
 - T tuk tuk
- ESTACIONAMENTO CARGAS E DESCARGAS**
- entrada edifício
 - entrada garagem
 - estacionamento automóveis
 - P acesso ao parque de estacionamento
 - carga e descarga / serviço hotel
 - edifícios existentes
 - construções no sub-solo
 - túnel do metro
- MODOS SUAVES - CICLÁVEL**
- bicicletas
 - Estação GIRA
- MOBILIÁRIO URBANO**
- banca
 - quiosque

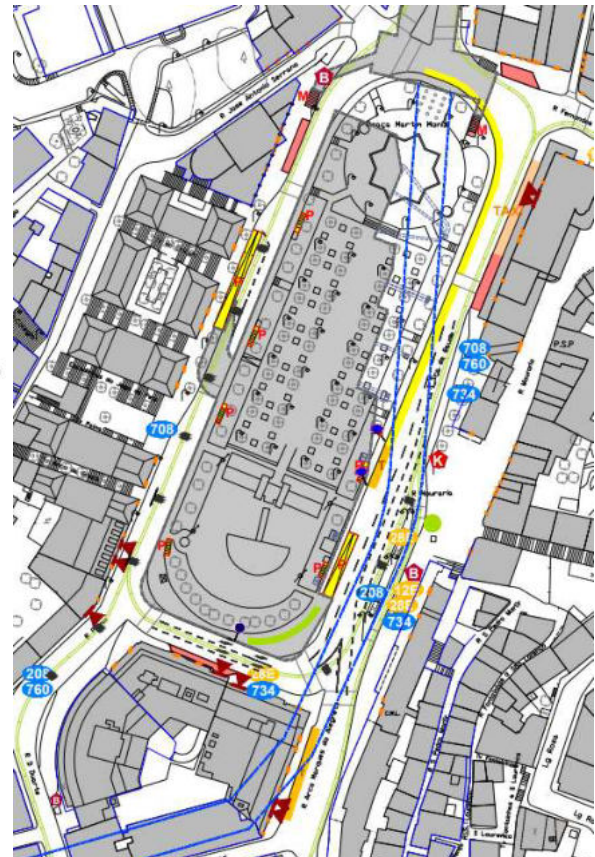


figura 45
Planta com identificação das áreas de estacionamento, cargas e descargas e paragens de transportes públicos e turísticos -

As áreas para tomada de passageiros estão sobrecarregadas (eléctrico 28E).



figura46
Paragem do Elétrico 28
Créditos: Marta Tobio 2017

2.13. Servidões e Condicionantes urbanísticas

2.13.1. Plano Diretor Municipal

Planta de Ordenamento

Toda a área a intervir está classificada na Planta de Qualificação do Plano Diretor Municipal como Espaço Central e Residencial com os Traçados A e B consolidados. O Hospital de São José, já fora da área de intervenção mas na sua vizinhança, está classificado como Espaço Urbano a Consolidar.

A Praça insere-se no limite de intervenção do Projeto Urbano (PDM): Colina do Castelo - Avenida Almirante Reis - Baixa.

A Praça está classificada como Nível Arqueológico II e Nível Arqueológico I – Restos das Cercas de Lisboa. Nas condicionantes em “Acessibilidades e Transportes”, a intervenção abrange as áreas de influência das Estações de Metro do Martim Moniz e do Rossio. As vias de trânsito são classificadas no 3º Nível da Rede Viária Existente. O estacionamento na área é do tipo A e B.

Na “Estrutura Ecológica Municipal”, a área insere-se no Sistema Húmido, no 1º Nível (interior) do Sistema de Transição Fluvial Estuarino, e apresenta traçados de Eixos Arborizados.

Na carta de “Vulnerabilidade Sísmica dos Solos”, a intervenção é classificada como “Muito Elevada a “Elevada”.

A área está inserida nos Subsistemas de ângulos de visão: Subsistema do Vale da Av. Liberdade e Subsistema Vale Av. Almirante Reis.



Quanto à Vulnerabilidade Sísmica dos Solos o solo da intervenção está classificada como Muito Elevada com a Formações Aluvionares Lodosas, Arenosas e Areno Argilosas / Aterros e como Vulnerabilidade Sísmica dos Solos - Elevada com Formações predominantemente Arenosas Consolidadas / Solos Incoerentes Compactos. (Extratos do PDM ANEXO I.II. VIII)

A Praça está inserida nos limites de intervenção dos seguintes instrumentos de gestão territorial eficazes:

1. Plano de Pormenor e Salvaguarda da Baixa Pombalina

<https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/planeamento-urbano/planos-de-pormenor/detalhe/baixa-pombalina>

2. Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana da Colina do Castelo

<https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/planeamento-urbano/planos-de-pormenor/detalhe/colina-do-castelo>

3. Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria

<https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/planeamento-urbano/planos-de-urbanizacao/detalhe/nucleo-historico-da-mouraria>

2.13.1.1. Servidões administrativas e restrições de utilidade pública

Servidões administrativas e restrições de utilidade pública

A Praça está integrada na Zona de Proteção do Hospital de São José e integra a zona de Servidão Aeronáutica do Aeroporto de Lisboa, Superfície Cónica de Transição, estando sujeitas a parecer da Autoridade Nacional de Aviação Civil todas as construções ou quaisquer outros obstáculos que ultrapassem as cotas definidas para a zona (cotas variáveis a 5 por cento entre 145 m e 245 m). Estão Sujeitas a parecer da Autoridade Nacional de Aviação Civil as construções ou quaisquer outros obstáculos que ultrapassem as cotas definidas para a zona (cotas variáveis a 5 por cento entre 145 m e 245 m)

Servidões administrativas e restrições de utilidade pública II

A Intervenção integra as Zonas de Proteção dos Imóveis classificados como Monumento Nacional:

1. Castelo de São Jorge e Resto das Cercas de Lisboa
2. Igreja de São Domingos

A Intervenção integra as Zonas de Proteção dos Imóveis classificados como Interesse público:

3. Casa de João das Regras



4. Capela de Nossa Senhora da Saúde / Capela de São Sebastião da Mouraria
5. Edifício na Rua da Palma, 17 a 29
6. Edifício na Rua da Palma, 1 a 15
7. Edifício principal do Hospital de São José, antigo Convento e Colégio de Santo Antão-o-Novo
8. Antigo Colégio dos Meninos Órfãos, Recolhimento do Amparo

A Intervenção integra a Zona de Proteção dos Imóveis Conjunto de Interesse Público

9. Lisboa Pombalina

A Intervenção integra as Zona de Proteção dos Imóveis Imóvel em Vias de Classificação

10. Conjunto Urbano da Mouraria / Conjunto Urbano na Esquina da Rua da Mouraria, nº 80-82 e 84-90 com a Rua do Capelão nº 4, 6 e 8

A Intervenção integra a Zona de Especial de Proteção do Palácio da Rosa, incluindo a Igreja de São Lourenço e toda a área de jardim.

2.13.2. Condicionantes urbanísticas do subsolo

O subsolo da Praça Martim Moniz é constituído por várias redes de infraestruturas e que condicionam a construção á superfície, que de seguida se descrevem: Achados arqueológicos. Todas as obras realizadas na Praça do Martim Moniz encontraram achados arqueológicos. As zonas arqueológicas mais sensíveis podem condicionar as construções mais profundas. Alguns achados podem mesmo condicionar a construção.

1. Parque de estacionamento respetivos acessos pedonais e respiradores (Anexo VII.II - ESTUDO DE CAPACIDADE DE CARGA DA ESTRUTURA PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO E Anexo VII.III - PROJECTO DO PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO)
2. Rede do Metropolitano de Lisboa (deve ser considerada a localização e a altura a que se encontram os túneis e a gare bem como a localização das saídas pedonais e os respiradores). Anexo VII.VI - METROPOLITANO PLANTAS E PERFIS GARE E TÚNEL
3. Redes de Saneamento, de abastecimento de água (EPAL), de Energia elétrica (EDP), de Energia Elétrica Nacional (REN), de telecomunicações (várias concessionárias mas que utilizam a infraestrutura da Altice) e de Gás (Galp). Anexo VII.VII - INFRAESTRUTURAS SUBSOLO.



2.14. Pontos fortes e fracos

Fortes	Fracos
<ul style="list-style-type: none">↑ Posição central dentro da cidade, a poucos minutos a pé de espaços públicos de grande importância (Praça da Figueira, Praça do Rossio, Praça do Comércio, Frente Ribeirinha);↑ Zona de confluência de distintos tecidos urbanos (Baixa Pombalina, Mouraria e zonas de mais recente construção);↑ Existência de dois eixos pedonais estruturantes: Eixo transversal das escadinhas (Escadinhas do Jogo da Pêla , - Escadinhas da Saúde).- Eixo longitudinal da Rua da Palma;↑ Existência de elementos de água↑ Localização num vale (sistema de vistas, perspectivas e <i>rooftops</i>), destacando as vistas panorâmicas sobre o Castelo;↑ Zona multimodal de transporte (autocarros, autocarros de turismo, tuk tuks, taxis, eléctricos, metropolitano, automóveis, parque de estacionamento subterrâneo). O Martim Moniz é servido diversos tipos de transportes e localiza-se perto das terminais fluviais;↑ Forte carácter comercial (dois centros comerciais, comércio de proximidade nas ruas vizinhas).↑ Elementos de água em funcionamento.	<ul style="list-style-type: none">↓ Tráfego rodoviário muito intenso dificultando circulação pedonal em toda a praça e poluição sonora intensa (a praça funciona como grande rotunda rodoviária);↓ Insegurança pedonal nos atravessamentos da praça;↓ Espaço pouco ensombrado. Estrutura arbórea insipiente;↓ Poucas zonas de estadia e de encontro na placa central;↓ Níveis de ruído viário muito elevados;↓ Zonas pedonais com elementos desordenados e largura reduzida;↓ Placa central da praça pouco acessível e difícil de atravessar; com acessos pontuais e por escadas na maioria das vezes;↓ Deficiente acessibilidade à placa central a partir das áreas envolventes;↓ Placa central sem qualquer oferta de equipamentos de lazer ou desporto;↓ Monumento à Muralha Fernandina divide o espaço cria um obstáculo;↓ Áreas para tomada de passageiros sobrecarregadas (eléctrico 28E); <p>Zona envolvente da Igreja de São Domingos degradada.</p>



3. ANEXOS

ANEXO I.II. I. Planta de localização

- 01_MM_PLANTA DE LOCALIZAÇÃO_ORTOFOMAPA_1-1000

ANEXO I.II. II. Planta de Situação Existente

- 02_MM_PLANTA DE SITUAÇÃO EXISTENTE_1-1000
- 03_MM_PLANTA DE PAVIMENTOS EXISTENTES_1-1000
- 04_CARACTERIZACAO DA SITUACAO EXISTENTE- DADOS E INDICADORES

ANEXO I.II. III. Situação existente viária

- 01.MM_CONDICIONANTES_VIARIAS_SINALIZAÇÃO
- 02.MM_CONDICIONANTES_VIARIAS_TRANSPORTES_PUBLICOS_ACESSOS
- 03.MM_CONDICIONANTES_VIARIAS_ESTACIONAMENTO
- 04.MM_DESENHO PISTA CICLAVEL
- 05.MM_CONTAGENS TRAFEGO_HPT_Ano2015
- 06.MM_CONTAGENS TRAFEGO_HPM_Ano2015

ANEXO I.II. IV. Dados de apoio a decisão

- 01_RELATORIO DADOS APOIO A DECISAO_PGIL
- 02_RELATORIO DADOS APOIO A DECISAO_PGIL

ANEXO I.II. V. Caracterização sócio-demográfica

- Caracterização Sociodemográfica

ANEXO I.II. VI. Ambiente e energia

- DAE_INDICADORES_AMBIENTAIS
- INFORMAÇÃO_DIV_AMBIENTE_ENERGIA_ACERCA DA REDUÇÃO DO RUIDO



ANEXO I.II. VII . Nota Técnica de Geologia

- Nota Técnica Geologia Martim Moniz

ANEXO I.II. VIII . Extratos do PDM

- 1_1_Qualific_2_Estr_Ecolog_7_Acessibil_MARTIM_MONIZ
- 2_3_Sist_de_Vistas_4_Risc_Nat_I_5_Risc_Nat_II_MARTIM_MONIZ
- 3_6_Cond_Infraestruturas_8_Cond_Serv_Adm_I_9_Cond_Serv_Adm_II_PRAÇA_MARTIM_MONIZ

ANEXO I.II. IX . Projetos com impacto

- CML_RENDA ACESSIVEL_RUA SÃO LÁZARO
- NOVA PRAÇA DA MOURARIA

ANEXO I.II. X .Projeção da evolução das ondas de calor e o Impacto na Cidade de Lisboa

- Estratégia_combate Onda de Calor
- ICU_Martim Moniz (conjunto de Imagens com a situação atual e futuro em diferentes momentos do dia)



PELOURO:

Planeamento Urbanismo Relação com o Múncipe e Participação,

Joana Castro e Almeida

Direção Municipal Urbanismo,

Sofia Mourão

EQUIPA TÉCNICA:

COORDENAÇÃO:

Departamento de Espaço Público, Sara Godinho

Divisão de Gestão de Projeto de Espaço Público, Helena Palma

Equipa do Departamento de Espaço Público:

Maria Julieta de Oliveira

Rosário Salema

Susana Raposo (Coordenação Técnica)

SERVIÇOS DA CML:

CML | DRMP | Divisão da Participação

CML | DMGP | Divisão Operações Patrimoniais

CML | SG | DRMP | Divisão de Participação

CML | DMAEVCE | DAEAC | Divisão do Ambiente e Energia

CML | DMAEVCE | Gabinete de Projeto da Estrutura Verde

CML | Direção Municipal de Higiene Urbana

CML | Equipa do Plano Geral de Drenagem de Lisboa

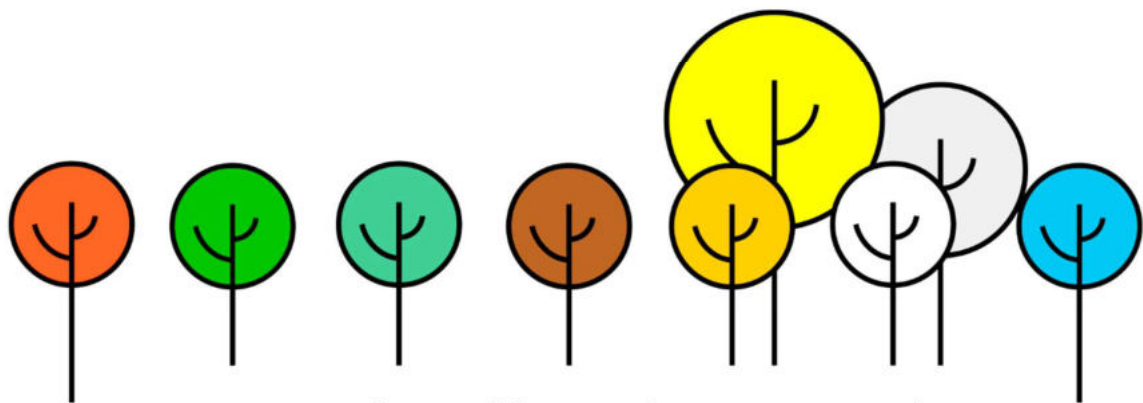
CML | DMU | Departamento de Planeamento Urbano

CML | Direção Municipal de Mobilidade

CML | CARRIS



martimoniz



um jardim do mundo



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DIREÇÃO MUNICIPAL DE URBANISMO
DEPARTAMENTO DE ESPAÇO PÚBLICO